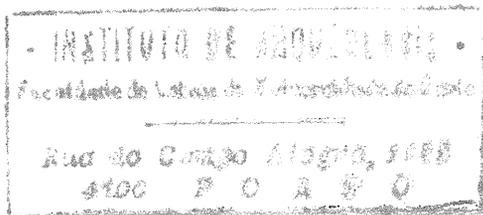


17. ABR. 1988



# Contributo para o estudo do Neolítico de Portugal

POR

F. Russell Cortez

Bolseiro do Instituto de Alta Cultura

---

Apesar de pouco, muito pouco mesmo, conhecermos da dispersão do Homem paleolítico na Beira, podemos assinalar que aqui também deve ter havido uma larga dispersão da espécie humana. A interamnense Beirã não está desprovida do testemunho da ocupação paleolítica e as estações até hoje encontradas: Mealhada, Carvoeiro, Guarda-Gare permitem a ilação duma maior ocupação humana logo que a prospecção sistemática se adense.

Por estas regiões da Beira, onde o bosque hoje é característico, ao clima húmido e frio da época glaciária, deve ter sucedido um clima seco, e ecológicamente estepário. Então, a flora herbácea permite o desenvolvimento duma fauna herbívora de corredores. Aparecem as populações de caçadores, floresce uma arte pictórica, relacionada com os *totens*, da qual são sobrevivência as pictografias da Queiriga. O Beirão seria então um caçador, um continental, a percorrer, qual nómada, as pradarias, os chãos dos vales, perseguindo as manadas dos bois, dos javardos, de cavalos, de veados.

Depois, em nova época, sucedem grandes mudanças climáticas. A aridez vai progredindo por extensas regiões sub-tropicais e as civilizações estepárias desenvolvidas nestas regiões da

Ásia Central e do Sáara, entram em conflito com o meio ambiente e iniciam-se grandes migrações. A Humanidade vê-se então compelida para o mar, embora não esteja a ele habituada e ainda o não saiba dominar. À medida que estas condições climáticas se vão acentuando, nos bordos oceânicos da Europa, desfrutar-se-ia um clima moderado e húmido, condicionado às influências do Gulf-Stream e da zona ciclónica da Islândia. Os bosques de árvores de folha caduca, progredem nas estepes paleolíticas. Numerosas espécies arbórescentes refugiadas na região mediterrânea remontam novamente para o Setentrião.

Estas modificações climáticas, provocam então importantes migrações humanas que, convergindo no sentido do Mediterrâneo, formariam uma mescla de homens e ideias, logo disseminadas através das suas margens, levando aqueles, no seu deambular, o produto da sua experiência, das suas invenções.

Entre as novidades apontadas, sobressaem novas técnicas, que, generalizadas, haviam de permitir ao homem resistir melhor aos contrastes climáticos.

Aprendem a conhecer e a aproveitar os frutos daquelas plantas que maiores reservas alimentares continham. Iniciam a agricultura pela selecção das sementes. Ao mesmo tempo, generaliza-se a domesticação de animais, nomadizando-os progressivamente com o homem. Utilizam a sua experiência petrológica, sabem onde buscar os materiais líticos mais aptos para o seu ferramental, empregam em larga escala a plasticidade da argila, descobrem a olaria; julgo que esta técnica foi descoberta, simultâneamente, em diversos rincões, ou então pelos paleolitas saarianos.

Toda esta humanidade repelida pelas estepes em vias de desertificação, trazia consigo, não só os frutos da sua experiência, da luta rude contra a aridez, como múltiplas apeirias agrícolas, vários sistemas de cultivo, diversas técnicas de construção,

desde o aparelho de pedra a seco, até à cabana fruste de peles ou de ramaria entrançada e barrada.

Tínhamos chegado aos tempos ditos neolíticos, a uma humanidade, meio nómada, meio sedentária.

Os caçadores redundam em pastores, os recolectores talvez em agricultores.

Os neolitas, ganadeiros e agricultores, na sua expansão através das margens do Mediterrâneo atingiram, bem cedo, a faixa Atlântica da Península, como os *elementos neolíticos* de Muge, das Areias Altas, do Castro de Figueiró da Granja, o comprovam. Integraram-se entre a população local que continuava a utilizar os seus micrólitos nos paus do Tejo, nas margens do Mondego ou os picos e raspadores da orla litoral do noroeste peninsular.

Este aspecto da nossa mais recuada proto-história é muito pouco conhecido.

Para o estudo desta fase da evolução do viver humano são de considerar os elementos fornecidos pela camada mais recente dos concheiros de Muge e os do povoado das Areias Altas, Porto.

As conclusões que têm sido tiradas do estudo das indústrias de Muge são variadas. Segundo o Rev.º H. Breuil (1918) neles encontramos uma indústria do período *azilo-tardenoisense*, mais próximo dos tempos paleolíticos que dos neolíticos. H. Obermaier, de acordo com Breuil, inclui-as no epipaleolítico, falamos do *capsense* ou do *capso-tardenoisense*. O Prof. Mendes Corrêa mostra, depois, a existência de diferenças entre os vários concheiros, entre os diversos locais de habitação destas populações ribeirinhas do Tejo, que muito devem ter perdurado.

Há concheiros que julgo terão sido contemporâneos e abrangem, culturalmente, várias vidas do homem post-quaternário,

que continua a utilizar uma indústria lítica, na qual os micrólitos vão logrando um emprego sempre crescente.

O concheiro melhor conhecido é o da Amoreira. Revelou-nos uma indústria que, para Mendes Corrêa, Brenil e Obermaier, reflecte uma acentuada influência capsense nos seus triângulos. Tipologicamente, encontramos no cabeço da Amoreira, lâminas finas, de dorso rebatido; os crescentes, os triângulos e os trapézios são mais raros (1).

Nestes rebotalhos do cabeço da Amoreira, foram encontrados por Mencke os microburis (2) e, para este abalizado especialista, tal indústria lítica deriva dos micrólitos que surgem no paleolítico superior, em especial nos níveis *magdalenense superior*, e nega a sua dependência ou relação com África.

Se para a Europa esta tese pode ser aceite, não julgamos possível prescindir entre nós da chegada de população ou correntes culturais africanas, uma vez que, se das indústrias microlíticas representadas nos concheiros de Muge ou da Cova de Hoyo de la Mina (Málaga) (3), passamos à *cultura de Almeria*, na qual esta indústria microlítica perdura nos níveis mais antigos, e encontramos os mesmos trapézios, e os crescentes — os microburis e os triângulos vão rareando. Igualmente perdura durante todo o neolítico, onde os micrólitos de sílex surgem misturados com os machados polidos, com as pontas de flecha de talhe bifacial, de origem egípcia, e com as compridas e finas facas de sílex.

---

(1) A. A. Mendes Corrêa — *Novas estações líticas em Muge*, I Congresso do Mundo Português, Lisboa, 1940.

(2) Eckhard Mencke — *La tipología de las piezas de sílex de los concheros de Muge*, «Atlantis», pág. 157, Madrid, 1936-40.

(3) Martín Almagro — *Los problemas del Epipaleolítico y Mesolítico en España*, «Ampúrias», VI, pág. 7, Barcelona, 1944.

Nestes concheiros encontramos restos humanos que revelam uma variedade de tipos e que constituem um dos mais importantes testemunhos para o conhecimento da população, existente entre nós, na transição do mesolítico para o neolítico. Esta deve ter-se verificado algum tempo após a transgressão Flandriana, mesmo assim, quiçá contemporânea do *optimum* do mesolítico III, de clima quente, quase sub-tropical, como parece ser aquele em que se constitui o concheiro do Cabeço da Arruda.

Consideremos que no Cabeço da Arruda falta a *Littorina littorea* e abunda o *Mytilus edulis* o que nos indica um clima mui próximo do *optimum* do Norte, onde nos aparece o *asturiense*, que seria húmido e quente, quase sub-tropical. Com o aparecimento da *Nática hebraea* confirmam-se aqueles elementos de clima, uma vez ser esta espécie de um *habitat* mediterrâneo.

Entre os esqueletos distingue-se, sem qualquer espécie de dúvida, um tipo doliocéfalo, de baixa estatura, mesorrínico e mesoprogna, com características negróides: *Homo afer taganus*; simultâneamente surgem um tipo semelhante e mesocéfalo, e outro claramente braquicéfalo (1).

Ao considerar alguns novos elementos cronológicos obtidos no decurso das escavações dos concheiros de Muge, Mendes Corrêa, ao referir o Cabeço da Amoreira ensina (2): «Apareceram alguns fragmentos cerâmicos, mas que, sem dúvida, se podem considerar provenientes de intrusões ulteriores, são,

---

(1) Mendes Corrêa — *Anthropologie et préhistoire du Portugal*; «Bulletin des Études Portugaises», I, 1941; *A propósito do Homo Taganus*, 1941; *Pré-História e gente do Ribatejo*, 1941; *Novas Estações Líticas em Muge*, I Congresso do Mundo Português, 1940.

(2) A. A. Mendes Corrêa — *Novos elementos para a cronologia dos concheiros de Muge*, «Anais da Faculdade de Ciências do Porto», XVIII, pág. 7, sep., 1934.

porém, de notar, um vaso grosseiro, sem decoração, de fabrico manual, com aspecto neolítico, e dois fragmentos com mamilos perfurados, possivelmente também subseqüentes ao mesolítico. É imprudente considerá-los, sem hesitação, da camada arqueológica mesolítica. Nesta abundam apenas pedaços informes de barro mal cozido». (Fig. 1).

Vemos pela douta opinião, acabada de transcrever, que os últimos habitantes dos concheiros de Muge já conheciam o proveito da plasticidade da argila, largamente utilizada no revestimento das empalissadas, das empenas, das lareiras das choças que lhes serviam de moradia.

É nossa opinião que o vaso cerâmico encontrado resulta duma sobreposição de povoamento intencional e posterior, uma vez que os estratos não apresentavam sinais de revolvimento; não é defensável a progressão do vaso devido à acção da gravidade, todos os fragmentos estavam juntos *in situ*. Embora recolhido numa camada profunda deve ser considerado como representando o final do povoamento e os primeiros contactos com as populações neolíticas, e não reputado como mais remoto, uma vez que a estratificação do concheiro não teria sido horizontal, antes próxima dum parabolóide.

É viável supor a existência, com tais testemunhos, como por outras razões o afirmou Breuil e subsequentemente Obermaier (1), duma etapa proto-neolítica para o final da ocupação humana que alguns depósitos dos rebotalhos de Muge representam. No entanto, melhor será valorizar os achados cerâmicos, esperando que ulteriores investigações, nos concheiros, nos tragam melhores e mais numerosos informes para o estabelecimento duma cronologia relativa entre cada um e os vários concheiros e

---

(1) H. Obermaier — *El hombre fósil*, 2.<sup>a</sup> ed., pág. 395, 1925.

a possibilidade de situar, mais exactamente, a data do abandono daqueles lugares.

É minha impressão que o término da ocupação humana dos concheiros de Muge deve estar ligado com a chegada das gentes portadoras do machado cilíndrico, domesticadoras do cerdo e conhecedoras duma agricultura aperfeiçoada.

«A descoberta no Cabeço da Amoreira, de covas, abertas na areia estéril da base e cheias de conchas (muitas por abrir), carvões, espinhas de peixe, etc., evoca a ideia de depósitos de provisões, como os silos da aldeia de El Garcel, explorada por Siret. Mas estes eram maiores e mais complicados e a estação de El Garcel, embora *tarde-noisense* e com uma utensilagem microlítica, possuía já pedra polida, que não existe em Muge» (1).

Para a solução deste apaixonante problema da transição do *mesolítico* ao *neolítico*, uma estação como os concheiros de

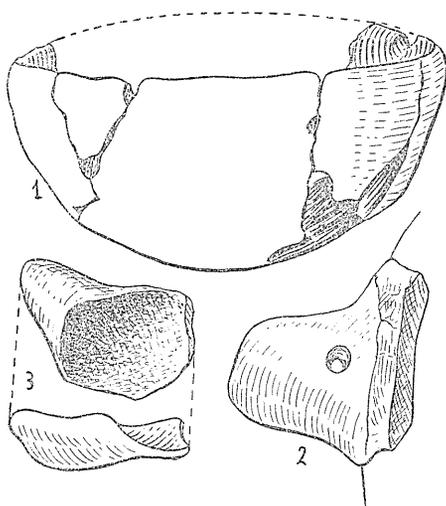


Fig. 1 — Espólio cerâmico do Cabeço da Amoreira, Muge; 1 — Vaso de barro escuro, não polido; 2 — Fragmento de vaso mostrando uma das asas; 3 — Fragmento de uma colher, fabricada no mesmo barro do vaso hemisférico. Red. 1/2.

(1) A. A. Mendes Corrêa — *Novos elementos para a cronologia dos concheiros de Muge*, «Anais da Faculdade de Ciências do Porto», XVIII, pág. 5, sep., 1934.

Muge pode fornecer melhores elementos, maiores possibilidades de avaliação, em especial sobre a, ou não, existência de influências africanas nas populações de caçadores já sedentarizados que ocupavam a Península desde o *paleolítico superior* até ao *neolítico*.

Para Gordon Childe <sup>(1)</sup>, a civilização tardenoisense é testemunhada pelo aparecimento de sílices pigmeus, ou micrólitos, engenhosamente talhados segundo formas geométricas regulares, utilizados por populações que acampavam exclusivamente em terrenos arenosos <sup>(2)</sup>, em parte consolidados e revestidos de mata <sup>(3)</sup>, abrigando-se em cabanas construídas de vimes ou ramaria revestida de barro, enterradas parcialmente no solo. Deste revestimento apareceram inúmeros testemunhos, na escavação dos concheiros de Muge, constituídos por argila endurecida, com moldagens de vegetais incorporados na pasta.

O *tardenoisense* teria a sua origem no recuo para o setentrão, no fim da época glaciária, de emigrantes afugentados pela dessecação do Sáara. Conservariam a sua forma de viver primitiva, nos seus instrumentos perduraria a tradição microlítica, embora nas suas vizinhanças existissem populações com uma economia de carácter neolítico, onde se conhecia já a técnica da produção de alimentos.

O aparecimento de vasos cerâmicos neolíticos em Muge e nas Areias Altas, num meio industrial de carácter mesolítico ou asturiense não é caso único. Podemos encontrar inúmeros paralelos: em Sauveterre (Lot-et-Garonne) foram encontrados micróli-

---

(1) *L'aube de la civilisation Européenne*, pág. 24.

(2) G. Clark — *The Mesolithic Settlement of Northern Europe*, págs. 190-4, Cambridge, 1936.

(3) Childe — *L'aube*, etc., pág. 24.

tos tardenoisenses associados com cerâmicas decoradas com os dedos e pontas de flecha (1).

Certos tipos tardenoisenses — trapézios e crescentes — de uso corrente entre estas populações da Península Hispânica, da França e da Rússia meridional, podem denotar a absorção dos caçadores desta época pelas populações produtoras de alimentos. O micró-lito não deve pois ser tomado como sinónimo de mesolítico (2).

Campigny (Seine inferior), outrora indicada como uma estação-tipo da civilização mesolítica, é agora considerada como o estabelecimento característico dos inícios intrusivos da civilização neolítica ocidental na França, tal como para a Dinamarca é a cultura de Ertebolle.

Outros concheiros, como o Cabeço dos Morros (3), fornecem lâminas retocadas e trapézios cuja tipologia perdurou até ao *neolítico*.

Igualmente para Bosch Gimpera (4) os negróides de Muge seriam originários do mesmo foco de que resultaram os homens do *neolítico africano de tradição capsense*, em que também se encontra um duplo elemento dolicocefalo e braquicefalo.

A suposição da perduração do povoamento da região de Muge no dealbar dos tempos neolíticos não é gratuita, antes é confirmada pelo aparecimento no Cabeço da Amoreira do tal bem conservado vaso hemisférico, sem ornamentação e que junto a muitos outros restos cerâmicos nos mostra a ocupação tardia dos concheiros (5). (Fig. 1).

(1) Coulonges — *Mem. Inst. Pal. Hum.*, 14, pág. 26, 1935.

(2) Childe — *Op. cit.*, pág. 26.

(3) Afonso de Paço — *Novo Concheiro do Vale do Tejo*, «Brotéria», Lisboa, 1938. Mendes Corrêa — *Novas Estações Líticas em Muge*. M. Almagro — *Op. cit.*, pág. 2.

(4) *El Mesolítico Europeu*, «Ciência», México, pág. 301, 1946.

(5) A recolha deste importantíssimo documento deve-se ao Sr. Dr. Alfredo de Athayde, Professor de Antropologia da Universidade do Porto.

Aparece-nos, portanto, de mistura com uma indústria microlítica, de fácies mesolítico, um vaso cerâmico manual, cozido ao sol, de fundo hemisférico, e muitos outros fragmentos de vasilhas e de argila seca ou endurecida ao sol e que parece ter servido para proteger, revestindo, as paredes feitas de restos vegetais. Foi também encontrada uma colher de cabo curto, feita no mesmo barro do vaso hemisférico atrás descrito, semelhante a outras encontradas nas antas da Beira Alta e do Alentejo oriental. (Fig. 1, n.º 3).

É comparável à que foi encontrada em Las Peñas de los Gitanos (Montefrío, Granada) e hoje se encontra no Museu de Granada (1).

A colher de cabo curto é típica do *neolítico Ibérico* e do Oeste da Europa, figurando entre os objectos que o ligam às culturas neolíticas mais antigas do vale do Nilo (2).

A colher aparece igualmente na anta do Rio Torto, Beira Alta, num espólio essencialmente neolítico (3). Surge do mesmo modo nos silos de Campo Real, na Andaluzia (4).

Mas temos mais as contas discóides, de cerâmica cozida, com um furo feito na pasta ainda fresca e recolhida no sector IJ na camada média, 2.º troço, a 15-8-930, conjuntamente com os 4 dentes polidos e perfurados em V que foram considerados como amuletos. Os discos de ardósia, com furo de suspensão, — sector GH, camada profunda — podem ser facilmente compará-

---

(1) Mem. Mus. Arq. Prov., VIII, 127, xxxvii, 9.

(2) Georg e Vera Leisner — *Antas de Reguengos de Monsaraz*, pág. 100, 1951.

(3) Museu Etnológico de Belém, n.º 9.288.

(4) Ver Leisner — *Meg. Gr. Est. 162, A. 13-2*; San Valero — *La Península*, pág. 31; Dechelette — *Manuel I*, pág. 555, fig. 202, I, 5; Philippe — *Fort, Harrouard*, Est. xxvi, I, 3, 6, 13; Menghin — *Et. Origen*, « Ampúrias », IV, 1942.

veis aos que foram encontrados nas antas do Monte Mósinho que revelaram trapézios em tudo idênticos a alguns dos concheiros de Muge.

Consequentemente e ao que parece, uma parte superior dos estratos de Muge, com os seus leitos de pouca regularidade, ou dispostos em camadas discordantes, está já matizada com elementos do neolítico, chegados das zonas costeiras do Mediterrâneo, com cerâmica; comparar o vaso e demais indústria com os materiais da Cueva de la Rabosa ou dos Melones, de La Valltorta (Albocácer de Castellon) (1).

Este achado de restos cerâmicos em Muge vem esclarecer a época transitiva *mesolítico-neolítico* na Península, confirmando os elementos entrevistos na escavação da Gruta de la Cocina — Dos Aguas (Valência), onde o seu nível I (2), forneceu cerâmica feita à mão, geralmente muito tosca, de pasta mal preparada e de cocção defeituosa e que, pelo seu espólio, foi incluída no neolítico inicial, no entanto culturalmente mais rico, que o de Muge, onde não foi encontrado qualquer instrumento lítico polido *in situ*. Nesta gruta aparecem também pontas com pedúnculo lateral, tal qual no Cabeço da Amoreira e no Cabeço dos Morros.

Segundo Pericot: «El paralelo con Muge es tentador. Pero la cronología de sus concheros es difícil. En este momento diremos sólo que caso se aceptasse el paralelo, el Cabeço de Amoreira seria el equivalente de nuestros niveles medio y superior». Confirma-se assim que os começos do *neolítico* transcorrem na Península, dentro dum mundo mesolítico de pequenos caçadores. O qual perdura no instrumental que continuará constituindo a

---

(1) Cfr. *Ampúrias*, VI.

(2) Luis Pericot — *La Cueva de La Cocina (Dos Aguas)*, Archivo de Prehistoria Levantina, II, 1945.

base industrial, em que se apoia o *neolítico*, durante larguíssimos anos (1).

Entre os achados do concheiro da Moita do Sebastião encontraram-se igualmente fragmentos da argila de cabana e restos de louças grosseiras ligeiramente ornamentadas (2). Deste mesmo lugar são os ossos polidos, placas de xisto com cavidades pouco profundas, obtidas por rotação e calhaus arredondados e muito bem polidos numa das extremidades.

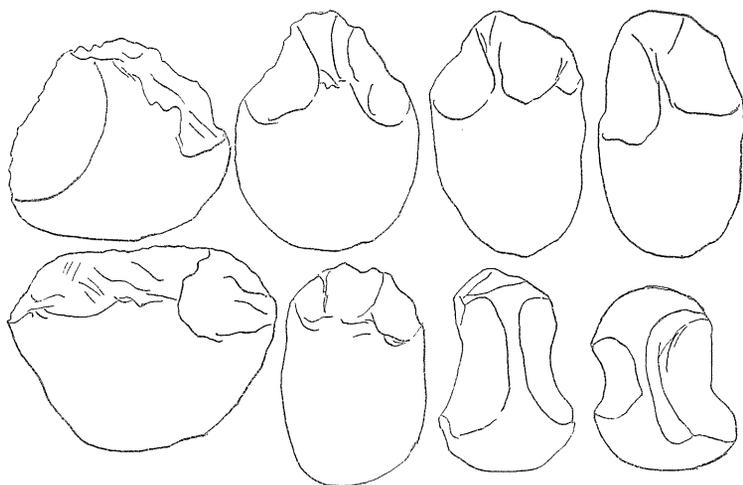


Fig. 2 — Espólio lítico duma das habitações do povoado das Areias Altas, Porto. Todos os instrumentos foram trabalhados em quartzite. 1/3 aprox.

Pelos achados cerâmicos dos concheiros de Muge bem podemos supor que, nos primeiros tempos da difusão das práticas agrícolas, as nossas populações utilizavam, com o seu mobiliário de talhe microlítico, cerâmicas não ornamentadas, que podemos

(1) F. Jorda Cerdá y J. Alcacer Grau — *Las pinturas rupestres de Dos Aguas*, «Servicio de Investigacion Prehistorica», n.º 15, Valencia, 1951.

(2) Nils Aberg — *La Civilisation Énéolithique dans la Péninsule Ibérique*, pág. 12, 1921.

supor derivadas dos anteriores odres feitos de mucosas animais, protótipos estes de larga difusão entre estas gentes de caçadores e pescadores.

Eram populações a cujo sentimento estético só impressionava a eurtmia da forma, o volume dos objectos, sentimento fundo e perdurável e que veremos exteriorizar durante milénios.

Dos estudos dos materiais recolhidos nos estratos superficiais de Muge ou das Areias Altas verificamos que o *neolítico inicial* seria pois representado por cerâmica grosseira, feita à mão, sem ornamentação, utilizando como material plástico o barro impuro local.

Esta fase nova dum *neolítico* integrado num meio industrial de forte tradição mesolítica é ampliada pela consideração do espólio da sepultura do Vale das Lages, onde entre os micrólitos trapezoidais, já evoluídos, nos aparece um instrumento polido neolítico (1). É mais uma vez verificada a perduração de elementos arcaicos entre populações que, influenciadas por novas descobertas, continuam vivendo a sua primitiva cultura. No entanto, não deixamos de referir a forte sobrevivência dos micrólitos que chega à cultura dos sepulcros megalíticos do ocidente Atlântico, no seu período mais remoto ou recente.

Paralelamente com a cultura microlítica dos concheiros de Muge, desenvolve-se no noroeste peninsular uma outra cultura, *o asturiense*.

Nesta época, a utensilagem, de tradição paleolítica, feita de osso é reduzida, sendo, ao contrário, numerosos os artefactos chamados picos: singelos godos trabalhados unifacialmente e mais ou menos aguçados, terminados em ponta e que deviam

---

(1) A. A. Mendes Corrêa — *A Sepultura do Vale das Lages e os Eólitos da Ota*, «Bull. Assoc. Catalana de Antropologia, Etnol. e Prehist.», III, Barcelona, 1925.

servir, principalmente, para destacar dos rochedos os moluscos constitutivos, quase exclusivamente, da alimentação destas gentes.

Com estes instrumentos aparecem, em alguns casos, desperdícios de cozinha dos seus usuários e a sua situação denota uma habitação ao ar livre; vida somente possível dentro de um clima mais quente, que o das anteriores épocas paleolíticas ou epipaleolíticas. É igualmente mais cálido que o do norte da Europa, onde decorre o *mesolítico II* <sup>(1)</sup> e, pelos mesmos considerandos se conclui que tal clima seria ainda mais quente que o actual.

Supõe-se que, nestas regiões do noroeste peninsular, as indústrias do *paleolítico inferior*, do tipo de machadinhas, persiste e não quebra a continuidade durante os tempos mesolíticos. Ao que parece, estas populações ficaram isoladas e qualquer mudança climática modificou a sua forma de vida, volvem a ser recolectores e a sua alimentação fica quase que circunscrita aos moluscos do litoral. Serpa Pinto acreditou na origem portuguesa desta cultura, onde no norte se acantonaria uma população marginal, descendente do paleolito remoto, população que manteria alguma das suas técnicas industriais, podendo relacionar-se o godo talhado em bico, *do asturiense*, com antigos instrumentos paleolíticos. (Fig. 2).

Este conjunto cultural aparece-nos, nos seus níveis superiores, misturado com cerâmica grosseira, de paredes espessas e sem decoração, o que nos leva a supor estarem já estas populações em relação com o neolítico de tradição mediterrânea. (Fig. 3).

No entanto, esta cultura, a avaliar pelas minhas escavações do povoado das Areias Altas (Porto), perdurou ao longo de todo o *epipaleolítico*, chega mesmo a um *neolítico avançado*, já conhecedor da metalurgia, com pouquíssimos instrumentos de talhe microlítico, sem armas polidas, sem pontas de flecha de talhe bifacial.

---

(1) Bosch — *Op. cit.*, pág. 30.

Pelos testemunhos encontrados em vários locais do litoral do N. O. peninsular sabemos que a descoberta da olaria chegou igualmente ao conhecimento das populações recolectoras da orla marítima que, seguindo técnicas remotas, utilizavam os singelos *godos* talhados unifacialmente e mais ou menos aguçados, para mais facilmente destacar dos rochedos os moluscos constitutivos quase exclusivamente, da sua alimentação.

Constatamos assim que, a introdução das invenções neolíticas deve ter seguido um caminho marginal e marítimo (?) e que só a cerâmica é novidade, uma vez que, quer nas camadas dos concheiros de Muge, do Porto, dos Cantabros e Astúrias, não nos aparecem instrumentos polidos.

Alguns, como a estes primeiros vestígios da cultura neolítica peninsular não faltem paralelos no neolítico da Europa Central, e remoto parentesco

que a liga a culturas pré-dinásticas do Egipto, depõem a favor da tese, de que novas correntes tivessem surgido na África do Norte, talvez com um centro comum, do qual se expandissem tanto para o Oriente como para o Ocidente. Alcançaram assim a Península Hispânica em ondas sucessivas, no decurso do terceiro milénio anterior a Cristo. As pontas de seta pedunculadas, afins dos tipos saarianos e até, talvez, as raízes de toda a bela indústria de retoque facial do sílex, que tem o seu apogeu no Egipto, poder-se-ia atribuir aquela mesma comunidade cultural. Na cultura

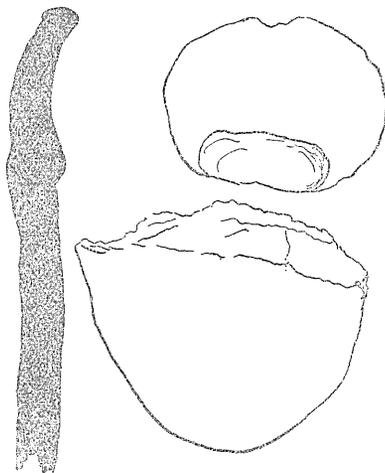


Fig. 3 — Areias Altas. Perfil de um vaso, no interior do qual foram encontrados os instrumentos representados. Red. 1,2.

megalítica, tais afinidades só surgem numa fase mais avançada. Faltam ainda os elos de ligação que nos permitam relacionar, também com o predinástico egípcio, o uso de placas de xisto, as quais além do seu já discutido significado religioso, não raro, apresentam vestígios de fricção na face superior, o que se quadra com a aplicação prática que se atribui aos exemplares egípcios.

Após um curto florescimento das teorias orientalistas, volta-se a atribuir novamente à Europa uma força criadora na evolução arquitectónica do *neolítico* e *bronze inicial* (1). Tem aumentado, nos últimos anos, o número de arqueólogos empenhados em justificar a existência de uma ligação mais íntima entre a *cultura megalítica* e o *neolítico europeu* (2).

Defende Santa-Olalla a existência de um *neolítico antigo* caracterizado por uma indústria muito primitiva, correspondente a um *neolítico de machadinhas* pertinente ao complexo *campigiense*, paralelo a um outro neolítico, que se poderia chamar *capsense* com a sua indústria microlítica de sílex, que se ajusta ao complexo cultural de lascas pequenas e lâminas de trabalho fino e cuidado, de formatos sumamente especializados, incluídos na denominação de *tardenoisense* (3).

«Esta cultura, que en España no habria inconveniente en llamar asturiense, incluso sin el sincronismo con las cuevas cantabricas, está dotada de una fortisima vitalidad,» . . . «aunque no todos son sincrónicos ni puros, sino que, por el contrario, demuestran una persistencia larga, desigual y mezclada entonces logi-

---

(1) Leisner — *Op. cit.*, pág. 172.

(2) J. Hawkes — «Revista de Guimarães», xxx, LIX, 1949, pág. 120 ss.; L. Pericot — *La España primitiva*, pág. 146.

(3) Júlio Martinez Santa Olalla — *Sobre el neolítico antiguo en España*, «Atlantis», xvi, pág. 100, 1941.

camente con otras culturas, que ahora será preciso ir estudiando en los detalles, puesto que parece evidente que en España existe un neolítico de cuarcitas talladas por percusión, el chalosiense de Passemart que nos otros llamamos asturiense y que en el neolítico antiguo ocupa España seguramente en su totalidad» (1). «Frente a este neolítico de hachas existe otro capsiese microlítico, tardenoisense si se quiere, tenido en muchos casos como paleolítico, que tiene fazes muy antiguas, cual ocurre en nuestros concheros de Mugen y en algunas cuevas andaluzas y levantinas, que se caracteriza por raspadores, trapecios, hojillas, puntas, gajos, buriles, etc., que enlazan culturologicamente con las industrias de hojas paleolíticas, cuya extensión tiene carácter general en España y cuyas persistencias, sobre todo en la cultura iberosahariana del neolítico reciente e incluso en el bronce primero» (2).

Pouco sabemos acerca da chegada das primeiras gentes conhecedoras de cultura agrícola primitiva, ou antes se preferimos da expansão dos costumes que a levam a esta forma de economia. É uma questão por agora difícil uma vez que grande parte dos materiais recolhidos, não o foram e em muitos casos, com um método assaz perfeito, pelo que nos temos de socorrer dum arrumo provisório, estabelecendo para tal uma sistemática tipológica, sempre defeituosa por subjectiva.

No momento, não nos podemos pronunciar sobre a derrota seguida por estes elementos culturais trazidos, provávelmente, por povos de tipo levantino que procuravam tanto os terrenos marginais dos rios (Muge e Areias Altas) como as alturas de fácil defesa, de interior (Figueiró da Granja, Corgo da Maga). Na zona

---

(1) Santa Olalla — *Op. cit.*, pág. 102.

(2) Idem — *Op. cit.*, pág. 103.

granítica do centro de Portugal não aparecem as grutas pelo que não são habituais estas formas de residência do neolito. Com o desenvolvimento do estudo dos restos do Castro de Figueiró da Granja ou do Corgo da Maga (Est. III), melhor conheceremos o viver colectivo destas populações.

A perduração, no povoado das Areias Altas, de instrumentos de tipo asturiense, associados a cerâmicas dum *neolítico final*, ou princípios do *bronze I*, pode indicar-nos a existência em tal época de populações recolectoras, bem alimentadas, cuja localização não impunha qualquer razão que as obrigasse a modificar grandemente a sua economia. Se o aparecimento de moendas (Muge e Areias Altas) nos indica já o cultivo de cereais, a sua topologia litoral, numa costa rochosa, ou abundante de mariscos e pescado, não os obrigava a lançar mão da pastorícia em larga escala. Tal situação não implicava uma disciplina austera como a da vida em aglomerados. Ao contrário as populações neolíticas dos planaltos da Beira Alta, representadas pelas primeiras camadas do Corgo da Maga e do Castro de Figueiró, tinham que basear a sua alimentação na caça e na domesticação dos animais, além do cultivo de cereais, pois que, nestes povoados, igualmente nos apareceram pedras de moinho.

Sob o ponto de vista económico, podemos considerar os habitantes do povoado das Areias Altas, como pescadores e agricultores — com réplica actual nas populações de Aver-o-Mar, Aguçadoura e Apúlia — que se alimentavam de moluscos do litoral — *Patellas* e *Trochus* sobretudo — e de cereais farinados e cozidos em pedras enrubescidas.

No entanto, a agricultura de enxada seria ainda reduzida, perdurariam os hábitos caçadores e a recolecção constituiria a principal base económica. Pelo que sabemos coexistiriam, mais tarde, nesta região interamnense — Tejo-Douro — duas culturas distintas: uma de agricultores, outra de pastores, de tradição

vetusta, mas ambas utilizavam a caça e a pesca como uma das suas bases para a obtenção de alimentos.

A partir dum momento, distanciando de nós mais de cinco mil anos, começará a difundir-se a cultura neolítica.

Na região da Beira, embora subordinados a aspectos parciais e fragmentários, vão-nos surgindo testemunhos da vida neolítica. Entre estes, outros surgem, que mostram a permanência de antigos usos. Talvez mais tarde, quando esta época da nossa proto-história for conhecida mais profundamente, possamos referir, com pormenor, quais as populações nómadas e dedicadas à pastorícia ou à caça que foram modificando a sua maneira de viver quando em mais íntimo contacto com aqueles outros povos pertencentes ao ciclo matriarcal agrícola (Est. IX). Seria então possível joeirar alguns elementos que nos ensinem sobre o comportamento das populações pertencentes aos ciclos «Patriarcal totemista» (caçadores) e «Patriarcal nómada» (pastores).

Têm sido colocados neste período da humanidade os materiais recolhidos no Forno da Cal e Vinha da Rainha (Soure); Santo António de Urmeiro, nas margens da lagoa de Albufeira (Várzea do Lírio); as grutas dos Alqueves (S. Martinho do Bispo) com sílices microlíticos e cerâmica; Orca dos Palheiros (Senhorim), etc. Este estado cultural também nos é comprovado pelo espólio dos sepulcros megalíticos da Orca do Outeiro do Rato (Nelas), Orca dos Padrões, Orca da Carvalhinha e Cunha Baixa (Mangualde) (Fig. 10), moimentos similares aos de Alvão, Vila Real, Bragança e Arcos de Valdevez onde foram encontrados machados incipientemente polidos, toscos, de forma triangular, por vezes trapezoidal, de secção biconvexa ou rectangular e sempre fabricados de rochas duras tais como dioritos, anfíbolitos, quartzites e xistos. A abundância de micrólitos de talhe geomé-

trico permite a ilação da proximidade ou da persistência da população epipaleolítica de caçadores e pastores. A mesma indicação é-nos fornecida pela demais indústria lítica: pontas de seta, raspadores, etc., que no entanto se apresentam com uma forma mais regular.

Volta-se, em parte, a teorias antigas, porém Leisner, baseado em explorações inéditas de Heleno, não acredita na prioridade da pequena câmara poligonal como tipo mais antigo, nem na

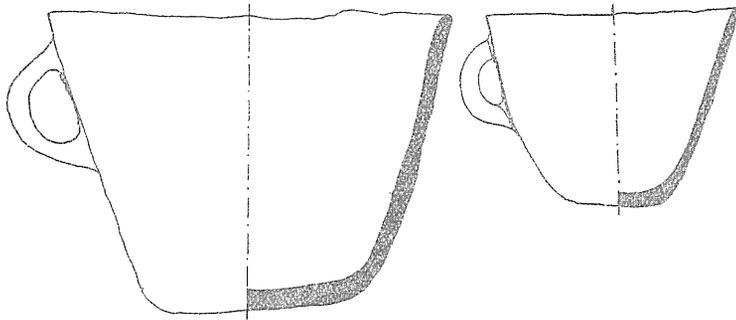


Fig. 4 — Vasos tronco-cónicos, com asa lateral, recolhidos no povoado das Areias Altas, Porto. Red. 1/3.

sequência evolutiva da sepultura megalítica para a de cúpula. Defende uma evolução autóctone da sepultura megalítica em Portugal, problema esse para cuja solução as antas de Reguengos forneceram novos esclarecimentos: tais como, «em primeiro lugar, o aparecimento de espólio neolítico em dólmenes de corredor; em segundo lugar, a construção de duas *tholoi* posteriormente a dólmenes de corredor, e, finalmente, o reconhecimento de duas correntes culturais diferentes nas antas». Uma delas mostra uma evolução sobre bases neolíticas; a outra revela no seu material estarmos em tempos mais avançados do eneolítico (*bronze I*).

No decurso destas investigações foram observados determinados factos que estabeleceram uma íntima relação entre os estratos neolíticos e a cultura megalítica de maneira que jamais pode ser defendida a teoria de serem os pequenos dólmenes, sem corredor, apenas formas degeneradas (1).

Todos estes factos permitem admitir a hipótese de que o pequeno dólmen em forma de galeria, teria sido, no Alentejo, o tipo mais antigo. «Posto que ainda falte uma documentação integral, já se nota, também no ocidente da Península, uma evolução que, em todos os períodos, conserva características da sepultura de galeria». A confirmação desta hipótese esclareceria vários problemas. Explicar-se-ia assim a evolução da técnica construtiva das grandes antas portuguesas.

«Consequentemente, a cultura das pequenas antas poderia ser equivalente à das sepulturas neolíticas do Levante e a sua origem poderia caber numa das correntes mais antigas da neolitização da península»; no entanto posterior ao estrato neolítico de Muge.

«A existência de sepulturas de espaço alongado, em Portugal, colocaria, numa época mais avançada a divisão das formas arquitectónicas em sepulturas de corredor e sepulturas de galeria. A divulgação do primeiro destes tipos pelas costas Atlânticas ocidentais e do meridiano apenas se teria efectuado na segunda época da evolução megalítica portuguesa, época que corresponde ao *ibero-saariano* e ainda ao *periodo do vaso campaniforme*.

Nesta *segunda fase da cultura megalítica*, é sobretudo a cerâmica, que, pelo parentesco das suas formas com as da *cultura almeriense*, testemunha a existência de uma comunidade cultural entre o sudeste e o ocidente da Península.

---

(1) Leisner — *Op. cit.*, pág. 174.

É muito possível que a escavação das pequenas antas, sem corredor, do plaino do Ladário, sobranceiro à Seixa — Vouzela que contêm machados polidos cilíndricos (Est. IV), facto raro na Beira Alta, região onde predominam os machados rectangulares, nos forneça os necessários elementos locais para o estudo dos megálitos sem corredor, semelhantes aos Monte Mòsinho, do Alentejo, Montemor-o-Novo, Lavra e Canha (1), Pavia (2) e na região do Guadiana, herdade de Font'Alva (3).

Leisner, durante as suas viagens de estudo pelo Alentejo, viu, em várias regiões, pequenas sepulturas deste tipo, às vezes três ou quatro reunidas na mesma herdade. Na anta 11 da herdade das Areias, architectonicamente incluída neste tipo, foi encontrado um espólio não pertinente à época neolítica, o que indica um adiamento sobre as conclusões relativas à expansão do tipo primitivo da sepultura megalítica até que, ulteriores escavações, em várias regiões, ofereçam bases certas. De acordo com a teoria defendida por Childe (4) de que o foco originário de uma cultura abrange geralmente uma área limitada, é talvez, defensável ter sido o Alentejo ocidental o centro da expansão do tipo primitivo do pequeno dólmen, sem corredor, em forma de galeria (5). Antas com câmara poligonal e corredor curto, construído com duas grandes pedras, aparecem na Beira Alta — antas de Penedono. Este tipo de câmara em polígono regular, com o corredor formado por dois grandes esteios, relativamente raro nos concelhos do Alentejo ocidental, é na parte oriental desta região o tipo característico da architectura megalítica,

---

(1) Escavações inéditas do Doutor Manuel Heleno.

(2) Virgílio Correia — *Neolítico de Pavia*, págs. 35, 57, 62, 70.

(3) Escavações do Tenente-Coronel Afonso do Paço.

(4) *Trans. Glasgow Arch. Soc.*, 1931-33, págs. 120, 137.

(5) Leisner — *Antas de Reguengos*, pág. 21.

estando igualmente amplamente documentado nos arredores de Castelo de Vide e Marvão, estendendo-se para Niza e para o lado espanhol de Vila Nueva del Fresno (1).

Há também tipos arquitectónicos cujas analogias se encontram naquela fase cultural, da qual o protótipo alentejano é a placa de xisto gravada. Estas são as antas de câmara alta que contêm espólios eneolíticos. As plantas das suas câmaras são, em geral, mais regulares e semelhantes às das antas de Pavia.

Nesta época os monumentos funerários megalíticos: as orcas, antas, antelas, arcas, merouços, etc., apresentam-se com uma câmara de planta poligonal simples e formando um abrigo em tronco de pirâmide com os lados constituídos por grandes lajes graníticas. As lajes são de enormes dimensões, toscas e não revelam qualquer preparo intencional. Alguns deles atingem proporções consideráveis — Pendilhe, Matança, Forçadas, Antelas, Paranho de Arca, etc. (Ests. VI, VII, VIII), e é possível que pertençam já aos primórdios do *bronze*. Aparecem outros monumentos com o mesmo aspecto, porém, dum e doutro lado da entrada fincaram, os seus construtores, duas lajes paralelas e mais baixas de modo a formar um começo de corredor — Nelas — Orca dos Padrões, Carvalhinha, Touro, Satão, Vermilhas. Ventoso (Caramulo), Cortiçô, etc. (Est. VIII).

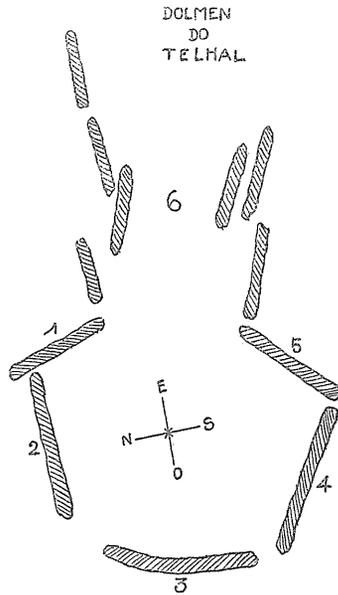
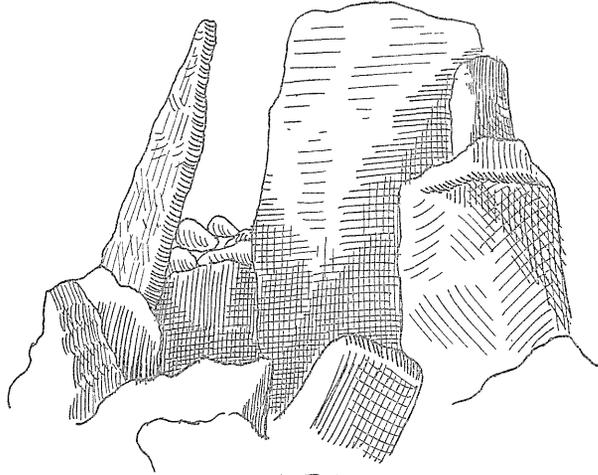


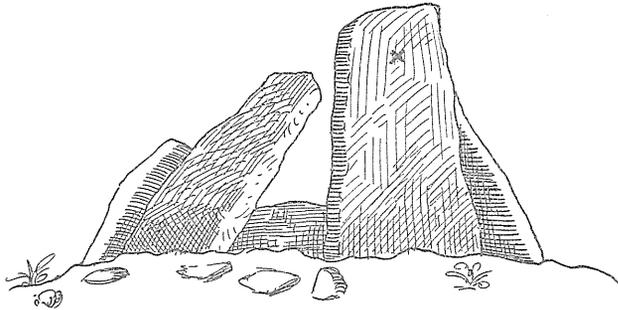
Fig. 5 — Planta do dólmen do Telhal, Meda. Seg. Luís de Pina.

(1) Leisner — *Op. cit.*, pág. 33.

«Bem sabido é que os dólmenes de Alvão foram considerados, durante muitos decénios, não só como os mais antigos de Portugal, mas também como o foco originário de toda a cultura



L. Este

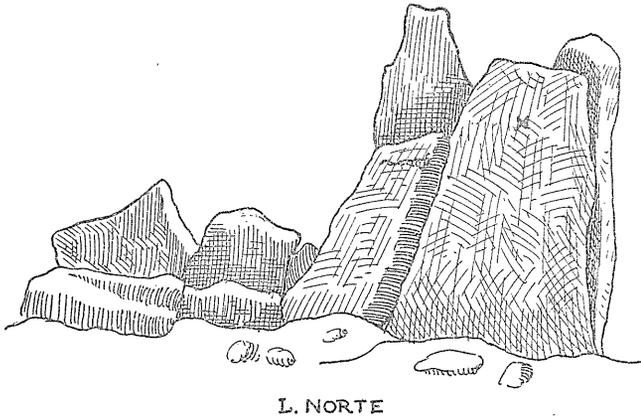


L. N.OESTE

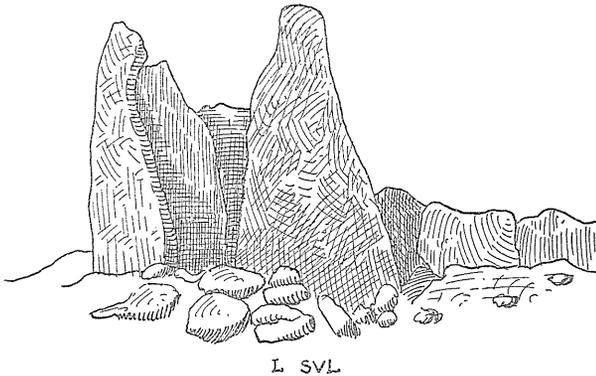
Fig. 6 — Alçados do dólmen do Telhal. Meda. Seg. Luís de Pina.

megalítica da Península; teoria que foi abolida pela ciência moderna. A possibilidade de comparar alguns dólmenes de Alvão com antas do mesmo tipo de Reguengos, estas últimas de espólio neolítico mais definido, confirmou a revisão desta teoria. Infelizmente, o material das antas do Alvão, proveniente

das escavações de J. Brenha e P.<sup>o</sup> R. Rodrigues, conserva-se nas colecções do Museu Etnológico e na do P.<sup>o</sup> Rodrigues, em Telões, sem distribuição dos objectos pelas diferentes antas. Os dólmenes comparáveis às antas de Reguengos são os n.<sup>os</sup> 4



L. NORTE



L. SVL

Fig. 7 — Alçados do dólmen do Telhal. Seg. Luís de Pina.

e 7, de Carrazedo de Alvão. Segundo os seus investigadores, o dólmen n.<sup>o</sup> 4 continha dois machados e o dólmen n.<sup>o</sup> 7 treze, mas não podem ser identificados. Na sua totalidade, o material da necrópole de Alvão mostra uma preponderância do machado de secção rectangular sobre o machado cilín-

drico, a qual, porém, não é aí tão acentuada como em outras regiões megalíticas do Norte do país. Os micrólitos, aos quais se refere a publicação, não se conservam em nenhuma destas colecções. Os poucos restos de cerâmica são grosseiros e provêm de vasos maiores. O aspecto geral do material é o de um *neolítico atrasado*.»

«Em todas as regiões aqui citadas o tipo de anta com corredor de dois grandes esteios, poderia ter provindo de um neolítico local e marcar uma certa fase evolutiva da cultura megalítica que, em regiões mais afastadas das correntes culturais provenientes do litoral, sobreviveu até épocas posteriores. Naturalmente, tal teoria é apenas hipotética e exige, para a sua confirmação, novas escavações nas províncias do norte de Portugal. Devemos ainda mencionar que alguns dólmenes de Salamanca apresentam reminiscências deste tipo de corredor, que provavelmente foi levado de Portugal para a Catalunha (1).»

Encontramos também outras orcas que se apresentam com uma forma mais complicada: a câmara continua a ser poligonal, mas o corredor é desenvolvido, ganha amplitude. Aumentando o comprimento do corredor de acesso à orca acentua-se a tendência para acabar a distinção entre o corredor e a câmara, que fica subordinada a uma planta próxima do trapézio e finalmente aparece-nos o protótipo do túmulo em galeria coberta.

São inúmeros os exemplos de orcas com corredor conhecidas na Beira Alta: Orca dos Palheiros (Senhorim), Anta do Coval (Couto de Esteves, Gralheira), Orca dos Juncas (Queiriga), Lobagueira, Aboboreira, Vale de Fachas (arredores de Viseu), Telhal (Meda), etc., etc. (Figs. 5, 6, 7, 10).

Das galerias cobertas toma-se para exemplo a casa da Orca (Malhada de Cambarinho, Caramulo) (Fig. 8).

---

(1) Pericot — *Sepulcros megalíticos*, etc., pág. 121.

A actividade agrícola intensifica-se no *período eneolítico das antas*, como se prova pelos moinhos de mão, pelos sílices de foices e pela abundância de cerâmica, época em que se evidenciam as analogias da *cultura megalítica portuguesa* com a *cultura de Almeria* (1).

Os micrólitos trapezoidais, de tradição mesolítica, perduram longamente, associados com instrumentos mais modernos. Na Beira encontramos-os em várias jazidas, já pertencentes ao *bronze I*: Satão, Sobreda, Cunha Baixa, etc. No mamaltar do Vale de Fachas, aparecem os micrólitos juntamente com pontas de seta de base biconvexa, mais

ou menos acentuada, e outras de base côncava e plana (Fig. 9). Os primeiros grupos são geralmente tidos como mais antigos. As de base côncava e as pedunculadas são mais modernas (2).

O povoado de Vila Nova de S. Pedro, um povoado do *bronze II*, forneceu mais de um milhar de setas de base recta ou côncava (3). O paralelismo cronológico que se estabeleceu para



Fig. 8 — Galeria coberta de Casa da Orca, Malhada de Cambarinho, Caramulo. Seg. Amorim Girão.

(1) Leisner — *Antas de Reguengos*, etc., pág. 15.

(2) Afonso do Paço — *As Grutas do Poço Velho ou de Cascais*, pág. 32, Lisboa, 1942.

(3) A. Paço e E. Jalhay — *A povoação eneolítica de Vila Nova de S. Pedro*.

Alapraia, em relação a Palmela, talvez possa ser aplicado ao espólio de Vale de Fachas. A posição dos micrólitos na anta do Poço da Gateira forneceu a Leisner (1), uma base para a cronologia relativa de alguns tipos. O micrólito em forma de meia-lua encontrado no fundo da câmara pertence, com certeza, a uma das primeiras inumações, ao passo que o micrólito de base recta, no

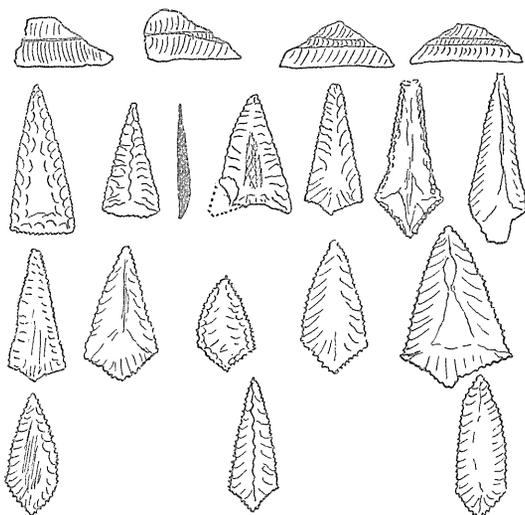


Fig. 9 — Mobilário inédito de sílex, recolhido pelo Dr. Alvelos no Mamaltar de Vale de Fachas, Viseu. Este desenho e outros materiais foram reproduzidos ou utilizados pelo Sr. Moreira de Figueiredo sem minha autorização. Red. 1/2.

corredor, pertence à última inumação. Tal facto coaduna-se com a posição cronológica atribuída aos micrólitos em forma de segmento de círculo. Em Portugal apareceram em várias estações mesolíticas (2), em grutas neolíticas (3) e ainda em grutas de espólio par-

(1) *Antas de Reguengos de Monsaraz*, pág. 56 ss.

(2) Moita do Sebastião — Cabeço da Arruda (Muge).

(3) Gruta dos Carrascos.

cialmente eneolítico (1). Saíram também de dólmenes primitivos da região de Montemor-o-Novo, sendo, porém, rara a sobrevivência deste tipo em antas de épocas posteriores, das quais apenas se podem citar alguns exemplares (2).

Na indústria mais primitiva incluem-se ainda os trapézios do tipo II (3) com os lados de comprimento igual, sobretudo os de tamanho pequeno, trabalhados em lascas de faces finas e estreitas, típicas do neolítico mais antigo (4).

Este tipo rareia nas antas já contemporâneas do *bronze I*, no entanto foi encontrado em várias antas da Beira Alta: anta do Rio Torto, orca do Tanque, orca da Cunha Baixa (Fig. 10); anta de Pedralta e Mamaltar de Vale de Fachas; contrariamente escasseia nas antas alentejanas. Da região de Ponte do Sor, dólmen de S. Bernardo, existe, no Museu Etnológico de Belém, um exemplar do tipo referido e como Leisner por lá entreviu vários pequenos dólmenes que poderiam pertencer ao tipo primitivo, espera, aquele douto Arqueólogo, que o facto de o micrólito desta forma andar ligado ao dólmen primitivo seja confirmado noutras regiões do Alentejo ocidental.

«Estes tipos mais primitivos, aos quais se juntam os triângulos com o lado inferior alongado e as peças de ponta lateral, têm, além de analogias com as indústrias dos concheiros portugueses, afinidades com o *neolítico de tradição capsense* e com o *oraniense* da África do Norte.»

Os trapézios com o lado superior mais comprido (tipo III)

(1) Grutas do Paço Velho (Cascais), Gruta da Galinha.

(2) Anta da Capela — Alentejo; Anta do Rio Torto (Penedono, Beira Alta).

(3) Trapézios com os lados de igual comprimento.

(4) Para Leisner estes micrólitos neolíticos diferenciam-se do tipo semelhante dos concheiros por terem os lados do trapézio não quebrados, mas rectilíneos.

e os trapézios de base recta já mais evolucionados têm uma larga difusão e dilatado emprego. Aparecem-nos em Muge (Cabeço da Arruda) e na Beira Alta, na orca do Tanque e no Mamaltar de Vale de Fachas. Os trapézios com entalhe na base (tipo V), raros nas antas de corredor alentejanas, foram também encontrados nas antas da Beira Alta; antas do Rio Torto e Mendelim. O seu achado frequente na gruta 3 de Palmela pode sugerir um novo facto para

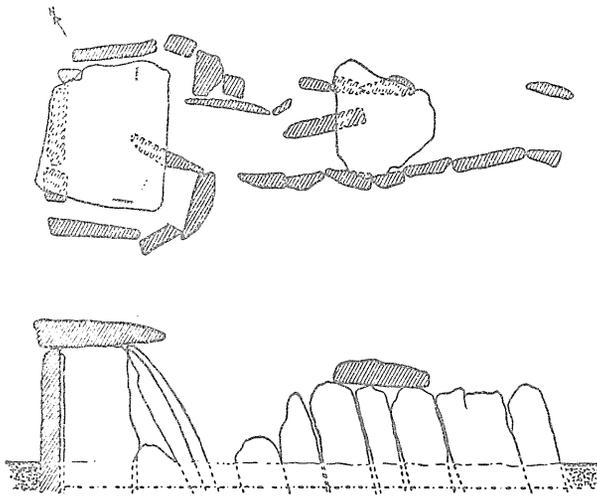


Fig. 10 — Planta e alçado do dólmen de Cunha Baixa, Mangualde. Seg. Leisner.

o estabelecimento de relações entre a *cultura de Palmela* e as coevas populações da Beira Alta. A expansão do povo das antas na Beira Alta, deve ter-se dado na segunda fase megalítica, correspondente à cultura mista de Veiga Ferreira, isto é à influência da cultura do vaso campaniforme nas anteriores populações megalíticas.

Juntamente com as pontas de seta de retoque facial, aparecem nas antas Beiroas as lâminas de sílex de bordos retocados, que não faltam em nenhum espólio do *bronze inicial*; a preponderância da seta de base côncava que parece existir no espólio

das antas da Beira Alta é típica em várias culturas neolíticas do Egipto e do Norte de África (1).

Aí, tal como na Península Ibérica, este tipo é caracterizado pelo retoque bifacial, em contraste com a técnica empregada nas pontas de seta de base triangular, as quais em Portugal derivam de uma indústria de facas, pois conservam ainda, muitas vezes, a forma ligeiramente curva da faca e ostentam um retoque unifacial ou apenas parcial (2).

Como já frisou Leisner, não se acentua, nem uma evolução da indústria que liga o micrólito à ponta de seta de retoque facial, nem qualquer influência da ponta de seta de base côncava sobre o micrólito trapezoidal. Ambos os tipos ocorrem um ao lado do outro, sem qualquer ponto de contacto (3).

São pouco vulgares na Beira Alta os sílices que pelo seu polimento lustroso dos bordos possam ser considerados como elementos de foicinhas.

A divulgação destes elementos de foice prova pertencerem a uma época de agricultura desenvolvida, cujos focos culturais temos de buscar na orla litoral. A sua escassez na zona peneplanáltica, onde proliferou a cultura megalítica, na sua segunda fase, permite a ilação de que estas populações de construtores das orcas se dedicavam a actividades essencialmente pastoris e, provavelmente ainda no início da época do *bronze* se conservavam nas regiões serranas afastadas da costa.

À presença de machados, enxós, micrólitos e louças de tipo

---

(1) Leisner — *Op. cit.*, pág. 60; O. Menghin — *Merinde-Benisalame*, pág. 178; M. Almagro, *Prehist. del Norte de Africa* — pág. 60; G. Bruton e C. G. Thompson — *The Badarian Civilisation*, pág. 35, XXVI e XXIX; Frank Adison — *The Welcome Excavations in the Sudan*.

(2) Leisner — *Meg. Gr.*, pág. 429 ss.

(3) Leisner — *Op. cit.*, pág., 61.

neolítico nas antas do Alentejo oriental e da Beira Alta, bem atesta a ligação da cultura megalítica com a população neolítica. Encontram-se em muitas antas da Península resíduos da indústria neolítica, tais como micrólitos de tipos posteriores. Em muitas antas alentejanas abundam porém micrólitos de tipos primitivos, pelo que se pensa que os de tipo posterior não revelam somente uma sobrevivência de formas, mas de uma participação activa do povo neolítico, embora por falta de ordem stratigráfica, seja naturalmente impossível dizer quais foram os limites de tal participação cultural.

Nas províncias do norte de Portugal e na Galiza, predominam, em todas as zonas dolménicas, os machados de secção rectangular, alcançando na Beira Alta a percentagem de 95 % (1). Comparando a difusão do machado cilíndrico com a dos tipos arquitectónicos, acentua-se (2) uma certa relação entre a divulgação da anta com corredor, de dois grandes esteios e o machado cilíndrico.

No litoral ocidental de Portugal o machado cilíndrico está bem documentado nas grutas naturais e artificiais, aparecendo também na região dolménica da Figueira da Foz (3).

Em todas as regiões dolménicas onde prevalece o machado de secção rectangular, escasseiam as enxós. Igual aspecto é notificado pelos investigadores do castro de Vila Nova de S. Pedro (4). Os quais, então, confrontam a indústria deficiente de pedra polida com a perfeição dos objectos de sílex, aspecto também apresentado pelas orcas da Beira Alta. Poderemos ligar este facto com o modo de viver destas populações, certamente baseado na caça.

---

(1) Leisner — *Antas de Reguengos*, pág. 49.

(2) *Op. cit.*, págs. 49 e 32.

(3) Leisner — *Op. cit.*, pág. 49.

(4) E. Jalhay, Afonso do Paço — *Vila Nova de S. Pedro*, págs. 21, 22.

Pelo contrário, na área litoral da Beira onde prevalecem os machados e enxós, de forma perfeita e bem acabadas, simultaneamente com uma indústria primitiva de sílex, com retoque facial, surgem as ilações da existência de um mais generalizado amanho da terra.

Esta prática cultural, a agricultura de enxada, segundo vários autores (1), pertence a várias civilizações neolíticas, tanto ao círculo danubiano, como ao neolítico da Europa ocidental e do norte de África. São porém diversas as opiniões sobre qual teria sido o instrumento que servia para rasgar a terra. San Valero admite serem os machados cilíndricos os empregues, no *neolítico ibérico*, para tal fim (2).

As enxós destinaram-se para afeiçoar a madeira (3). Vários factos, levam Leisner a defender o emprego da enxó como instrumento para cavar a terra (4). A maneira de encabar o machado parece contrariar a sua utilização para cavar. Nestes, o gume dispunha-se paralelamente ao cabo e as asperezas da parte superior do machado, picada de propósito (?), facilitavam a aderência do cabo (5), que se teria efectuada, segundo Menghin, com um invólucro intermédio, o que nos é confirmado pelos invólucros feitos de barro, provenientes da Anta Grande de Entre-Águas, Pavia, um deles com um machado inserto, do qual se vê apenas o gume (6).

---

(1) Bosch Gimpera — *Etnologia*, etc., pág. 70; Buttler — *Handbuch*, etc., pág. 34; Gordon Childe — *L'Aube*, etc., pág. 122.

(2) San Valero — *La Peninsula*, etc., págs. 40, 30.

(3) E. Jalhay & Afonso do Paço — *Vila Nova de São Pedro*, Madrid, pág. 22; Afonso do Paço — *Cascais*, etc., pág. 20.

(4) Leisner — *Antas de Reguengos*, etc., pág. 51.

(5) O. Menghin — *Wellgeschichte der Steinzeit*, pág. 280, Viena, 1940.

(6) Leisner — *Antas de Reguengos*, etc., pág. 48.

O exame das enxós votivas de mármore, da cultura das grutas portuguesas, contemporânea da segunda fase megalítica, sugere o seu emprego no amanho da terra. Note-se igualmente o desaparecimento da enxó com a época neolítica e com o processo agrícola a ela ligado (1); as vetustas indústrias microlíticas ou os picos e pesos de rede continuariam a usar-se por largo tempo.

Embora faltem provas seguras sobre o estado económico do povo megalítico, na sua primeira fase cultural, o próprio *habitat* deixa supor uma vida pastoril, e o facto de terem sido encontradas enxós, já nesta fase, leva-nos a supor reduzidas práticas agrícolas.

A densidade ou falta de monumentos megalíticos, numa dada área, deve subordinar-se a factores económicos. É verosímil que qualquer povo agricultor se tivesse apoderado, consoante aconteceu noutras regiões marginais europeias, de preferência, dos terrenos mais férteis e de fácil lavoura, ao passo que, para a criação de animais podiam servir as terras frágias e graníticas.

Não se fez ainda coincidir uma carta da distribuição das antas com uma base geológica.

Tanto quanto eu conheço sobre a localização das zonas megalíticas portuguesas, as antas assentam sempre sobre terrenos de origem eruptiva, ou nas suas imediatas proximidades. Desde a fase mais recuada do megalitismo ocidental e atlântico os elementos construtivos das antas são, na sua grande maioria, lajes de granito, siénito ou pórfiros. Enfim, são constituídos por rochas eruptivas.

A sua primitiva localização nos terrenos graníticos e afins, de relativa fertilidade permite a ilação de serem os seus cons-

---

(1) Leisner — *Megalithgräber*, etc., págs. 415, 417 e 487; *Antas de Regueiros*, etc., pág. 5.

trutores povos inicialmente dedicados à pequena agricultura e à pastorícia, o que de certo modo nos é confirmado pelos seus espólios neolíticos.

Mais tarde, na *segunda fase da cultura megalítica portuguesa*, em que vincados estão os contactos com os almerienses, e notório é o conhecimento da técnica metalúrgica, nada se opõe a que os povos se dedicassem igualmente à pesquisa das riquezas mineiras. Então ocupavam e exploravam as zonas de contacto com as rochas metamórficas, consabidamente ricas em cobre ou estanho. Mesmo assim não deixariam as práticas agrícolas, conforme nos é indicado pelo aparecimento de tecidos de linho.

Só tardiamente é que as nossas populações megalíticas se dedicaram à mineração.

A distribuição das antas constitui mais um facto para apoiar a hipótese de uma economia pastoril ou, como outros autores admitem, de uma vida parcialmente nómada <sup>(1)</sup>, por quanto, mesmo nas regiões de maior abundância de antas, quase nunca se encontraram, até hoje, vestígios de habitações do povo megalítico.

As investigações em curso no Corgo da Maga (Castro d'Aire) e no Castro de Figueiró (Fornos de Algodres) estou certo que fornecerão elementos esclarecedores da forma de viver do neolita da Beira. Pequenas pesquisas por mim efectuadas no Castro de Figueiró forneceram fragmentos de cerâmica cardial e de machados polidos, de secção circular, além de uma grande dormente de um moinho plano.

Com as escavações incipientes, meras sondagens, no Castro de Figueiró da Granja — Fornos de Algodres — novos ele-

---

(1) San Valero — *La Peninsula*, etc., pág. 24; Leisner — *Antas de Regueiros*, etc., pág. 17.

mentos juntamos ao pecúlio hoje ao dispor dos investigadores do *neolítico afro-europeu*. Com as considerações que permitem e das ilações resultantes algo ficamos a melhor conhecer os tempos nos quais o homem, de recolector que era, passou, sedentarizando-se, a agricultor e pastor. A criação de gados e alguma agricultura está já documentada por vários testemunhos e só esperam por uma maior densidade de pesquisas para mais convincentemente afirmarem as conexões e afinidades com as culturas neolíticas do Levante Peninsular, e depois poder-mos perfilhar ou desprezar a afirmação de que esta cultura, por uns chamada *hispano-mauritana* (1), vai vendo degradar as suas cerâmicas à medida que progride para o interior, onde degeneram e se tornam toscas.

O exemplo de Muge comprova, sem qualquer dúvida, o contacto íntimo das primeiras características culturais neolíticas com as gentes mesolíticas. É possível que se venha a supor, para uma explicação deste facto, um contacto marítimo que, me parece não ser de admitir dadas as dificuldades que a navegação atlântica implicariam. São no entanto interrogantes cuja resposta se buscará afanosamente.

Embora os fundos de cabana do Corgo da Maga pertençam já aos primórdios do *eneolítico*, com um machado plano de cobre, espero que, com o adiantamento das escavações, nos surjam elementos que iluminem melhor aqueles tempos em que principiou, duma forma mais consciente, a exploração humana da natureza, nos seus sectores: mineral, vegetal e animal.

Entre os achados, a cerâmica tem especial importância. Esta é sempre o testemunho seguro e mais intimamente ligado a uma

---

(1) Julian San Valero Aparisi — *La Cueva de la Sarsa*, S. I. P., n.º 12, Valência, 1940.

cultura. Desempenha um papel essencial, não só porque temos de apreciá-la como objecto de uso diário, pela sua feitura, forma e decoração, mas também quais os processos técnicos seguidos e estilo artístico em que pode ser agrupada. Por consequência, documenta-nos os elementos culturais imprescindíveis para a apreciação das relações que existiram entre duas culturas e suas influências recíprocas.

A cerâmica do nosso neolítico é por vezes muito tosca, de barro pouco puro, e imperfeitamente cozida. As formas são muito simples: escudelas hemisféricas ou troncocónicas, vasilhas cónicas ou quase cilíndricas com o fundo plano ou arredondado. Quase que não são ornamentadas; quando decoradas, os motivos são muito simples e reduzem-se a incisões punctiformes mais ou menos regularmente dispostas, linhas, unhas e impressões digitais, cordões com impressões ou relevos, impressões cardiais. Faltam as asas que estão substituídas por pequenas pegadeiras salientes verticais, ou, mais raramente horizontais (Muge) e furadas para a suspensão.

A cerâmica das Areias Altas tem no seu conjunto um carácter que me leva a incluí-la entre as cerâmicas neolíticas, embora dois rojões de fundição nos testemunhem um conhecimento da técnica metalúrgica. Seriam pois já contemporâneas do eneolítico (*bronze I*) como os vários vasos cónicos e outros de fundo plano parecem comprovar.

A existência destas cerâmicas toscas, lisas ou com relevos junto dos bordos ou em seguimento das asas que são tubulares e horizontais, descobertas com um instrumental de tipologia e técnica asturiense, bem pode corroborar a tese de Pericot (1),

---

(1) F. Jorda e J. Alcácer — *La Covacha de Llatas*, «Servicio de Investigación Prehistórica», pág. 7, Valência, 1949.

defendendo a existência de uma fase *proto-neolítica* do Levante, com cerâmica lisa, anterior à chegada da cultura *hispano-mauritana*, à qual é peculiar a cerâmica profusamente decorada.

Podemos rastrear certos contactos entre algumas cerâmicas das Areias Altas e outras descobertas na Cueva de la Sarsa (Bocairente-Valência), se compararmos a técnica construtiva das asas que se prolongam pelo colo do vaso (tipo 4 de forma das vasilhas de neolítico hispano-mauritano) por dois cordões em relevo (1). (Fig. 11, n.º 5).

Alguns destes vasos cuja galba tem por protótipo a dos odres anteriores, apresentam o seu fundo hemisférico mais aplanado. Noutros exemplares o fundo chega a ser completamente plano.

Pode dizer-se que o fragmento de um vaso de pasta escura, muito polida, de fabrico cuidado e rica ornamentação e de galba carenada, talvez nos possa testemunhar a influência dos neolitos hispano-mauritanos no povoado das Areias Altas. (Fig. 11, n.º 7).

Ressalta-se que entre as cerâmicas recolhidas nas habitações deste povoado apareceram numerosos restos de vasos de perfil ovóide (?) cujo fundo era sustentado por um pé cónico, de anel basal, com certa semelhança aos que são abundantemente encontrados na cultura pré-dinástica de Maadi. Este anel basal encontra-se também em Beni-Salame, no entanto são mais raros no Egipto superior.

Não conhecemos vasos idênticos que encontrados fossem em Portugal.

Nos vasos das Areias Altas aparecem os mamilos ovalados, dispostos paralelamente aos bordos, o que parece indicar destinarem-se a fins práticos, facilitando a suspensão, embora alguns

---

(1) *Cueva de la Sarsa*, Est. III, n.º 1; Est. IV, n.º 1.

sobressaiam tão pouco que podemos considerá-los antes destinados a cumprirem meras funções ornamentais. (Fig. 11, n.ºs 1 e 4).

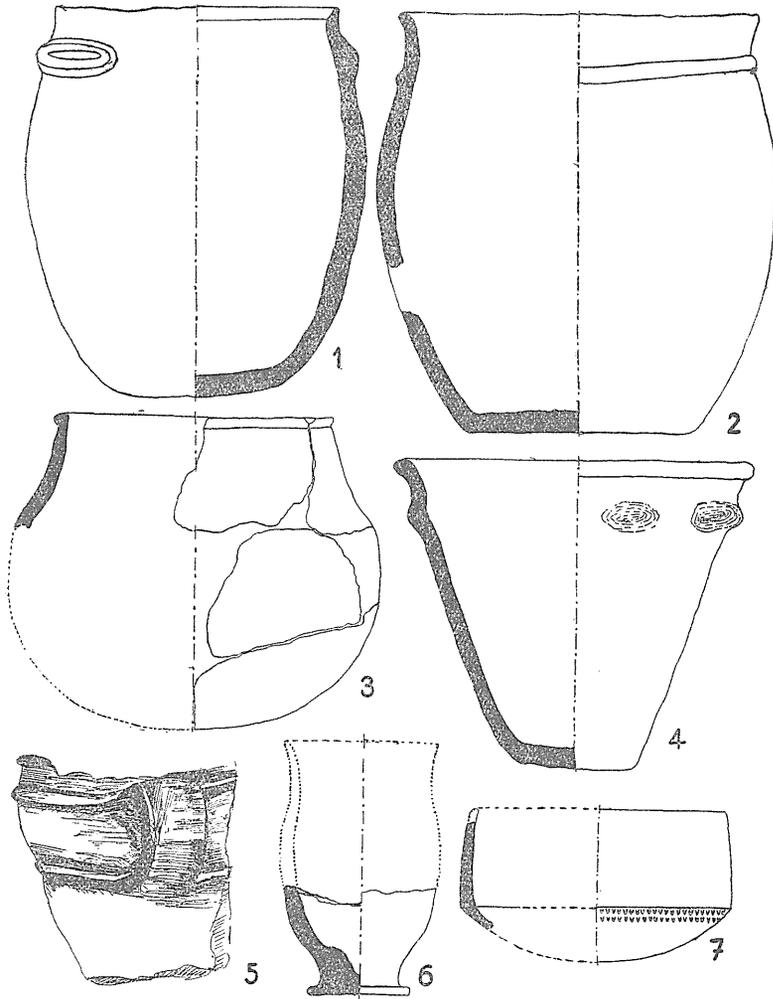


Fig. 11 — Perfis da cerâmica recolhida no chão das cabanas das Areias Altas, Porto. Red. 1/4.

Todas estas saliências, bem como as asinhas perfuradas podem relacionar-se com os povos neolíticos. São frequentes no

mobiliário clástico das grutas portuguesas (1). Aparece tal decoração em algumas das antas da Beira: Anta da Sobreda, Orca do Tanque, Orca das Antas, sendo no entanto raro o seu encontro nas construções megalíticas das demais regiões. A sua posição cronológica e a sua atribuição às culturas neolíticas é confirmada por se ter encontrado cerâmica deste tipo em estratos inferiores aos da cerâmica campaniforme (2).

Desta espécie de cerâmica há substancial testemunho logrado no exame dos espólios de sepulturas e grutas da península e similares estações do oeste europeu (3).

Para Leisner estes mamilos têm um significado religioso quando vemos dois deles juntos, quer por baixo do bordo quer na parte superior do corpo do vaso (4).

No mobiliário cerâmico das Areias Altas não nos apareceu qualquer fragmento que pudesse ser atribuído a vasos hemisféricos.

Os vasos pequenos esféricos que são típicos da cultura das antas eneolíticas do Alentejo e frequentes nas grutas artificiais e nas antas da Beira Baixa, perto do rio Tejo, são raros na cultura megalítica da Beira Alta. A divulgação destes pequenos vasos, coincide, de uma maneira geral, com a da placa de xisto gravado.

(1) A. do Paço — *A gruta do Rio Almonda*, Ests. VI, IX e X.

(2) Maluquer de Motes — *La Estratigrafia Arqueológica de la Cueva de Toralla (Lérida)*, «Ampúrias», VI, pág. 43.

(3) E. Jalhay e Paço — *Vila Nova de S. Pedro*, pág. 55, Madrid; Salvador Vilaseca — *Más hallazgos pré-históricos en Arbolí (Tarragona)*, «Ampúrias», III; Maluquer de Motes — *Op. cit.*; Leisner, *Meg. Gr.*, Ests. 19, 23 (Los Millares); Philippe — *Fort Harrouard*, Est. 25, xxv; Vouga — *Le néolithique*, Est. XIV; Schuchhardt — *Westeuropa*, pág. 740, fig. 7 (Pornic, Nantes); J. Hawkes — *Antiquity*, VIII.

(4) *Aut. cit.* — *Meg. Gr.*, pág. 490.

O vaso esférico de maior tamanho tem uma maior ocorrência nas antas da Beira Alta, (Fig. 12), onde, acompanhado por um vaso de corpo quase cilíndrico e de fundo plano que também nos aparece no povoado das Areias Altas, determina um aspecto da indústria cerâmica que se afasta bastante da do Alentejo. A decoração destes vasos da Beira, com motivos ornamentais semelhantes aos das cerâmicas das grutas, aplicados conforme a técnica própria daquela cultura, reforça a impressão de Leisner de que a sua origem poderia ser procurada no neolítico regio-

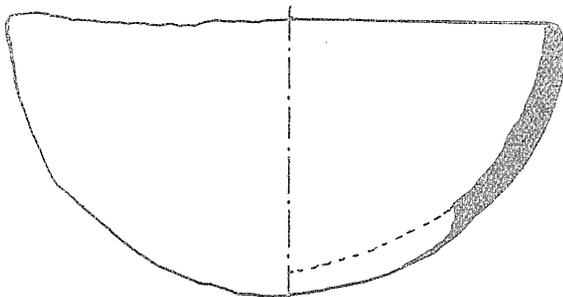


Fig. 12 — Vaso hemisférico reconstituído pelo fragmento encontrado no dólmen do Telhal. Explorações inéditas do Dr. Luís de Pina. Ver Est. v.

nal. Em várias antas da região o vaso esférico de tamanho maior, aparecendo quer nos espólios de transição quer nos do *bronze I*, estabelece uma ligação com a cultura dos povos neolíticos, sobretudo quando tais vasos são pintados a almagre.

Estes vasos de barro cinzento ou vermelho, coberto por um engobe vermelho vivo, tanto interior como exteriormente, constituem o grupo da cerâmica neolítica de almagre, e a sua forma, deduzida dos vasos inteiros ou dos seus fragmentos, é quase exclusivamente a esférica.

No mobiliário clástico das Areias Altas, os vasos cónicos, de anel basal, pertencentes a vasos ovóides (?), são também almagrados, tanto por dentro como fora. É muito possível que



um dos vasos esféricos, de colo levemente estrangulado, fosse igualmente pintado a almagra, o que tem paralelos no espólio da Anta do Olival da Pega — Reguengos (1).

Na Beira Alta encontramos exemplares desta cerâmica neolítica na Orca dos Juncas — Queiriga (2). Amorim de Girão refere cerâmicas pintadas de vermelho entre o espólio da Casa da Orca — Malhada de Cambarinho, não longe das nascentes do Alfusqueiro: «1 ponta de seta de sílex (est. n.º 3) de base bicôncava e numerosos fragmentos de cerâmica fabricados ou com barro grosseiro da localidade, algumas vezes pintado de vermelho, ou ainda com barro mais fino. Um destes últimos era ornamentado» (3).

Nos arredores de Viseu, em Travaçós, no Mamaltar de Vale de Fachas, embora este monumento seja mais tardio, *bronze II*, apareceu igualmente um vaso de fundo esférico de barro vermelho (4).

Esta cerâmica almagra, pertinente ao período neolítico é caracterizada por os vasos serem cobertos por uma pintura uniforme de ocre vermelho (5). Tem sido, posteriormente, muito estudada pelos arqueólogos espanhóis quer para determinações culturais, quer cronológicas, considerando-a como um dos tipos-guias da época do *neolítico hispano-mauritano* (6).

(1) Leisner — *Antas de Reguengos*, pág. 69, Ests. XXVI e XXVII, 6.

(2) *Museu Etnológico de Belém*, n.º 9.518 A., seg. Leisner, pág. 73.

(3) Aristides de Amorim Girão — *Antiguidades pré-históricas de Lafões*, pág. 49, Coimbra, 1921.

(4) José Coelho — *Notas arqueológicas*, Beira Alta, VI, pág. 67.

(5) M. Gomez Moreno — *La ceramica primitiva ibérica*, Homenagem a Martins Sarmento, Guimarães, 1933.

(6) Santa Ollala — *La fecha de la ceramica a la almagra en el Neolítico hispano mauritano*, «Cuadernos de Historia Primitiva», III, 1948; San Valero — *La Peninsula Hispanica en el mundo Neolítico*, 1948; Santa Ollala — *Cereales y*

Leisner (1) acentua que, sobre a expansão da cerâmica almagrada em Portugal, não podemos, por agora, apresentar ideias definitivas. Parecia não ser muito vulgar nas antas de corredor. No entanto, «partindo do espólio da anta do Poço da Gateira (*neolítico puro*), no qual esta cerâmica se encontrava pela primeira vez, documentada de uma maneira incontestável, podíamos, após uma revisão minuciosa de todos os cacos, reconhecer uma divulgação considerável desta indústria no concelho de Reguengos. Tal revisão devia estender-se a toda a cerâmica da cultura megalítica. Dois factos dificultam, no entanto, o estabelecimento de um quadro completo daquela divulgação. Em primeiro lugar temos várias provas de que os cacos expostos à intempérie perderam as camadas superiores». Leisner, pág. 73.

No Alentejo apareceu cerâmica deste tipo incorporada em espólios que, sob o ponto de vista cultural, pertencem ao *neolítico puro*, ao *neolítico de cerâmica avançada* e ao *eneolítico (bronze I)*.

Baseando-se nos elementos entrevistados na exploração metódica das antas de Reguengos, Leisner opina que a técnica da pintura a almagre não é oriunda nem do *neolítico* dos pequenos dólmenes alentejanos, nem do círculo mais vasto do *neolítico* da Europa Ocidental, mas que as suas relações se encontram no sul e no leste da Península.

De acordo com o exposto e entre outras conclusões inclui a cerâmica de almagre no círculo cultural do ídolo almeriense, conseqüentemente ligado com os estratos do segundo período de Almeria, onde este tipo de ídolo nos aparece já em espólios neolíticos. Ídolo este que parece estar em íntima ligação com todo o

---

*plantas de la cultura Ibero-Sahariana en Almizaraque* (Almeria) 1946; B. Saez Martin — *Nuevos precedentes chipriotas de los idolos placas de la cultura ibero-sahariana*, Soc. Esp. de Antropologia, XIX, pág. 134, 1944.

(1) *Op. cit.*, pág. 73.

conjunto do emprego artístico da cor vermelha (1). A sua effigie aparece, como um dos motivos principais, na pintura megalítica. Tal dependência explicaria o aparecimento do fragmento do vaso de cor vermelha, com uma pequena asa, na Orca dos Juncais — Queiriga, como sabemos ornamentada de pictografias vermelhas, de tipo esquemático e ascendência Levantina. Ver pág. 239.

Podemos comparar a previvência de indústrias remotas com cerâmicas de tradição neolítica ligadas a outras do *bronze I* que ocorre no povoado das Areias Altas, com o espólio encontrado, numa sumária pesquisa, em várias estações do Sáara espanhol (2), onde com uma indústria de tipo *neolítico de tradição capsense* encontramos cerâmica do *bronze I*. Surgem os mesmos problemas suscitados pela convivência de uma indústria lítica remota conjuntamente com cerâmicas avançadas (3).

Nas orcas Beiroas aparecem-nos por vezes representações artísticas da natureza pictográfica, litostríticas ou litotrípticas que muito nos ajudam a melhor conhecer os tempos neolíticos.

Nelas encontramos pois *ex-votos* pintados ou gravados. Se os podemos agrupar estilisticamente, é um problema bastante enigmático o estabelecimento da sua cronologia.

A sua maior densidade é ao norte de Visen, especialmente nos concelhos de Vila Nova de Paiva e Sátão, aparecendo também nos de Oliveira de Frades e Oliveira do Hospital. Constituem pois três grupos: um deles, o mais numeroso ao norte de

(1) Leisner — *Die Malerein des Dólmen Pedra Coberta*, Ipek, 1934.

(2) Martin, Almagro — *Prehist. del Norte de Africa*, pág. 64; pág. 52, fig. 17; pág. 55, fig. 20.

(3) Tal facto surge igualmente em várias antas do Alentejo; Leisner — *Antas de Reguengos de Monsaraz*; E. Jalhay, A. Paço, Leonel Ribeiro — *Estação Pré-histórica de Montes Claros*, «Rev. Municipal», n.ºs 20 e 21; E. Jalhay — *Uma fase interessante del bronce inicial portugués*, «Ampúrias», IX e X.

Viseu, outro na região de Lafões e finalmente o restante no vale do Mondego.

Leite de Vasconcelos descobre-as no Sátão e na Queiriga, sendo as principais as da Orca dos Juncas (1); estuda Mendes Corrêa, as da necrópole da Serra da Cota (Fig. 13) (2). Amorim Girão encontrou-as numa antela dum grupo de mamoadas, junto da povoação de Antelas, Pinheiro de Lafões, na qual as lajes, alisadas na face interna, apresentam uns vivos desenhos em xadrez, a ocre vermelho, estando a tinta perfeitamente conservada, mesmo na parte mais directamente exposta à intempérie (3). Nas antas de Sobreda — Oliveira do Hospital — refere-as Santos Rocha (4). Finalmente Leisner encontrou as pinturas de tipo mais antigo na orca dos Juncas — Queiriga — representando, numa pictografia a vermelho, cenas de caça de estilo Levantino (5).

Citam-se dezanove pinturas nas orcas portuguesas, todas localizadas na metade norte do país (6). Sendo em maior número nas orcas ou antelas dos arredores de Viseu. São na sua maioria pintadas a vermelho-escuro, cor de borra de vinho, embora o preto ou azul-escuro e branco apareçam também excepcionalmente, como succede nas de Cota.

---

(1) José Leite de Vasconcelos — *Peintures dans les dolmens de Portugal*, «Homme Préhistorique», 1907; «Religiões da Lusitania», 1.

(2) Mendes Corrêa — *Les peintures mégalithiques de Cota*, Trab. Soc. Port. Antropologia e Etnologia, 1934.

(3) A. Amorim Girão — *Antiguidades pré-históricas de Lafões; Arte rupestre em Portugal — Beira Alta*, «Biblos», 1.

(4) A. dos Santos Rocha — *As Arcainhas do Seixo e da Sobreda*, «Portugália», 1.

(5) George Leisner — *Die Malereien des Dolmen Pedra Coberta*, I. P. E. K., 1934.

(6) J. Rodrigues dos Santos Júnior — *Arte Rupestre*, Cong. do Mundo Português, 1940.

O tema dominante destes *ex-votos* pictográficos é o traço ondulado, serpentiforme. Outros há em que o zoomorfismo, semi-esquemático, predomina, com as da orca dos Juncais onde numa bela cena de caça figuram dois veados, duas corças e seis cães.

As figurações antropomórficas são também numerosas. As da orca dos Juncais são do tipo semi-esquemático. Outras repre-

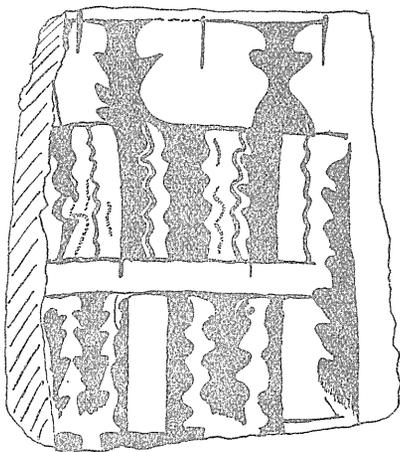


Fig. 13 — Esteio dum dólmen da Serra de Cota (Viseu), com um ídolo pintado a vermelho e amarelo. Seg. Mendes Corrêa.

sentações humanas, muito esquemáticas, aparecem quer isoladas, quer aos pares — casal de homens e mulheres — quer ainda em grupo — convergentes — encontram-se na orca dos Juncais, do Tanque, da Sobreda, etc. (1).

São dignas duma referência especial, as pinturas do dólmen de Pedralta — Cota — estudadas e aproveitadas para a evolução cultural da Beira pelo Prof. Mendes Corrêa e ao dispor dos estudiosos no Museu de

Arqueologia da Universidade do Porto. (Fig. 13).

Um dos esteios pintados apresenta, sobre fundo branco, dois compridos sinais ramiformes pintados de vermelho e um terceiro ramiforme da mesma cor, mas muito mais pequeno, intercalado na base dos dois maiores. Além destes vêem-se restos de sinais semelhantes que deviam cobrir a restante superfície do esteio. O outro esteio, com pinturas, apresenta, igualmente, sobre um fundo branco,

(1) Santos Júnior — *Arte Rupestre*, pág. 21.

várias faixas vermelhas denteadas, traços ondulados de cor vermelho-laranja e poucos traços negros limitando o contorno das referidas faixas vermelhas e denteadas. Mendes Corrêa interpretou-as judiciosamente como uma representação, muito notável e ornamental, do ídolo eneolítico, mais rica, mais decorativa e mais estilizada do que o ídolo pintado no abrigo de Penha-Tu (Astúrias) (1).

De todas estas pinturas megalíticas Beiroas, a mais remota, deve ser a movimentada cena de caça da Orca dos Juncais, em que figuram vários homens empunhando arcos e outras armas, acompanhados de seis cães, enfrentando dois veados e duas corças e junto duma representação que parece reproduzir um muro de vedação. A sua cronologia, ou no entanto a sua apreciação estilística pode-nos sugerir um certo paralelismo com determinadas pinturas dos abrigos Levantinos, como por exemplo das de Dos Aguas (Valência). Como estas, as dos Juncais caracterizam-se pelo emprego do traço simples e impressão directa. As figuras são de uma simplicidade construtiva mas expressiva. Os volumes só são utilizados na representação dos animais. A figura humana surge-nos bastante estilizada, numa composição por vezes idealizada. As cenas dão-nos a ilusão perfeita das suas atitudes, dos seus movimentos. A acção passa-se igualmente em cenas muito simples.

Não é difícil ao encararmos estes conjuntos pictóricos, estabelecermos uma interpretação adequada do mundo cultural em que estavam integrados. A abundância de arqueiros, a frequência de animais e as cenas venatórias, permitem-nos pensar no seu decurso adentro dum mundo de caçadores que viviam

---

(1) Mendes Corrêa — *A Lusitânia Pré-Romana*, «História de Portugal», 1, Barcelos, 1938; Santos Júnior — *Op. cit.*, pág. 23.

principalmente da caça ao veado e cabras. Tal mundo ergológico bem pode ser situado cronologicamente no *neolítico*, uma vez que se vai confirmando que os começos da neolitização da nossa terra transcendem no meio de uma população, ainda tradicionalmente mesolítica, de pequenos caçadores, dos quais perdura o instrumental lítico que continuará constituindo a base industrial que serve de apoio ao neolítico durante muitas décadas — Muge, etc. — Até ao início da técnica metalúrgica, até ao *bronze I*, não podemos assegurar que toda a Península tenha sido completa e integralmente neolitizada e não será estranhável, consequentemente, que nos possam aparecer testemunhos de que ao lado de formas de vida puramente mesolíticas — como as representadas na Orca dos Juncas — nos aparecem fortes indícios neolíticos (1).

Hoje é unanimemente aceite a opinião de que as antas serviam de sepulturas. Embora as actuais provas disto sejam raras nos monumentos megalíticos da Beira, em consequência da natureza ácida dos terrenos graníticos destruir os esqueletos, possuímos, contudo, provas bastantes de que eram inumados vários indivíduos nas antas de tamanho vulgar. Ainda se discute a maneira como tais inumações se efectuavam.

Nalguns casos, tem havido indícios de que os cadáveres eram depositados sentados, encostados às paredes das câmaras sepulcrais e não parece improvável que tivesse havido, previamente quaisquer processos de mumificação. Algumas vezes encontraram-se divisões, de lajes baixas, dentro da câmara e

---

(1) F. Jorda Cerda y Alcacer Gray — *Las pinturas rupestres de Dos Aguas*, p. 37. Valência, 1951; Maluquer de Motes — *Las industrias con microburiles de la Valltorta, « Ampúrias »*, I, pág. 108 ss. Barcelona, 1939; M. Almagro — *Un nuevo grupo de pinturas rupestres en Albarracín; La Cueva de Doña Clotilde*, I. Teruel, 1949; *La cronología del arte levantino de España*, Crónica del VI Congreso de Arqueología del S.E. Cartagena, 1951.

vestígios de fogo aceso no interior, demasiadamente insignificantes para que pudesse ter servido para fins práticos e desta maneira pensamos que seriam provavelmente relacionados com quaisquer cerimónias fúnebres.

Na falta de um quadro completo de arquitectura dolménica, as conclusões científicas baseiam-se sobretudo na comparação das diferentes formas apresentadas pela própria construção, quer na planta, quer no seu alçado.

Manifesta-se assim uma riqueza cultural, que se coaduna com a importância da região, nos séculos subsequentes. Além desta diversidade, há de cada tipo exemplares de tamanho excepcional, testemunhos de grande riqueza económica e duma vida social devidamente organizada.

As principais variantes tipológicas das construções megalíticas desta região são as seguintes:

- 1) Câmara poligonal, mais ou menos circular, bem diferenciada do corredor da entrada.
- 2) Câmara alongada, umas vezes com tendência para o rectângulo, outras vezes trapezoidal, à qual se junta o corredor no início quase com a mesma largura.
- 3) Todo o compartimento forma um único compartimento alongado.

As rotundas mais perfeitas são constituídas por esteios de igual largura. No geral a parede da câmara em frente da entrada é a mais larga. Todas as câmaras de tipo poligonal eram cobertas por um único bloco, o qual, não raro, assenta sobre os três esteios principais. As câmaras alongadas no sentido longitudinal representam variantes da câmara poligonal do tipo corrente, sobretudo quando são também cobertas por uma só pedra. Porém, se as paredes laterais formam ângulo recto com a cabe-

ceira, as câmaras alongadas tendem tanto mais para o tipo trapezoidal, quanto maior é o seu comprimento.

A câmara rigorosamente rectangular ou quadrangular e a exclusiva galeria são igualmente raras.

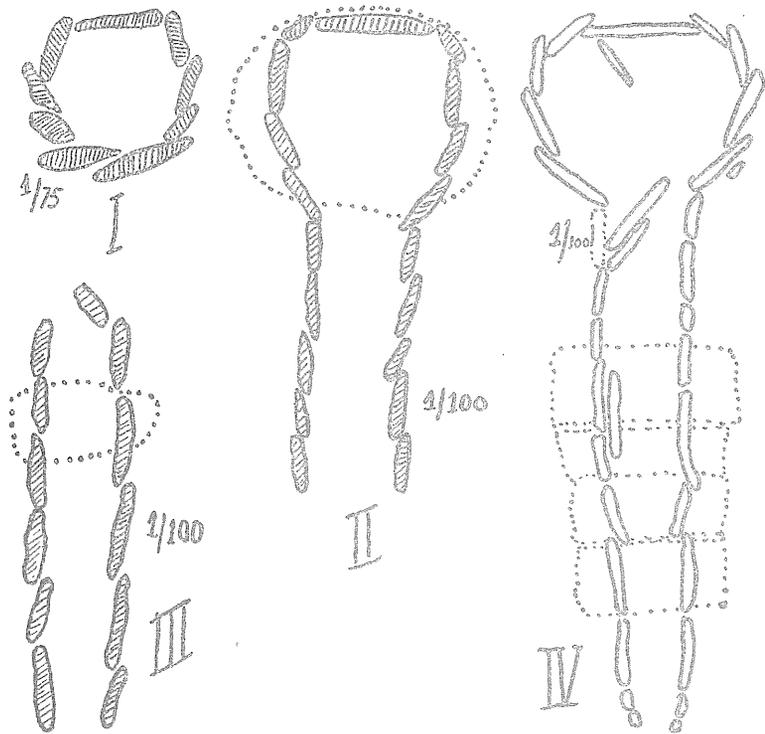


Fig. 14 — Plantas-tipos das construções megalíticas da Beira Alta: I, Mamoa da Antela; II, Anta do Coval; III, Casa da Orca, Cambarinho; IV, Mamaltar de Vale de Fachas. Seg. Amorim Girão e J. Coelho.

Poucos monumentos, e nem sempre justamente os mais perfeitos, sob todos os aspectos, apresentam as pedras trabalhadas. Com excepções, as câmaras poligonais, mesmo as maiores são construídas com nove esteios, cuja largura aumenta de harmonia com o perímetro a envolver. A altura das câmaras corresponde,

mais ou menos, ao seu diâmetro. A entrada da câmara sepulcral é outras vezes estreita e tão baixa que apenas dá acesso a uma pessoa que avance quase de gatas.

Os corredores poucas vezes se conservaram no seu comprimento total.

As antas aparecem por vezes em grupos, nos quais o monumento principal é, ladeado por outros mais pequenos. Tais factos reforçam a impressão já suscitada pela própria architectura de que o povo megalítico tivesse vivido em comunidades e, talvez, como se sabe das póvoas neolíticas, do Corgo da Maga e Figueiró da Granja, em aldeias, aliás num estado de organização social que muito superava o modo de vida dos povos caçadores das épocas anteriores.

Dos objectos de uso comum, os mais vulgares são os de pedra polida: machados, enxós, goivas, cunhas e outros pequenos instrumentos. Pedras de moenda — Figueiró da Granja — encontram-se várias vezes nas grandes antas, ou ao pé delas, indicando de que, no auge da época megalítica, a vida já se baseava num cultivo dos cereais.

As pontas de seta de pederneira, por vezes de forma muito perfeita, documentam outro processo de trabalhar a pedra: o de tirar, a golpes, pequenas lascas. O tipo com espigão ou base triangular, divulgado em Portugal, já na época das grutas naturais, apresenta-se, nas suas formas primitivas, e em formas já evoluídas, Vale de Fachas. Além disto, aparecem outros tipos de base recta e côncava, intimamente relacionadas com a cultura das sepulturas de cúpula.

Os micrólitos, por sua vez, confirmam a sobrevivência de civilizações mais antigas, Vale de Fachas (Fig. 9). No início da época neolítica não passavam de pequenos triângulos, encabados transversalmente conforme nos mostra a pictografia rupestre. Depois evoluem para formas maiores e semelhantes às pontas de seta retocadas.

A cerâmica destes monumentos, conservada ilesa, é de tamanho pequeno, fabricada à mão. De pasta grosseira, mal cozida, é às vezes coberta, tanto no exterior como no interior, por uma aguada de cor vermelha ou castanha e polida, (Fig. 12). Encontraram-se também fragmentos de vasos maiores e, talvez, de uso não ritual, mas doméstico.

Entre os objectos depositados nas antas, as placas de xisto pintadas ou gravadas (Fig. 15), são as que maiores elementos

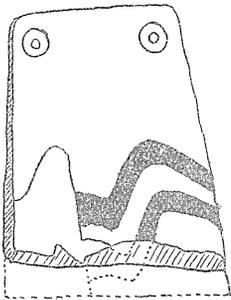


Fig. 15 — Placa votiva e pintada a vermelho do Mamaltar de Vale de Fachas. Seg. J. Coelho.

nos podem fornecer sobre a religião megalítica. Raríssimas são as placas gravadas encontradas na Beira Alta, e restantes províncias do Norte de Portugal. Nos dólmenes eneolíticos bem explorados, ao sul do Tejo, encontram-se por vezes estas placas em grande número. A sua posição ao peçoço do defunto ainda pode, em certos casos, ser verificada.

A conexão que em alguns casos se verifica entre antigos monumentos megalíticos e actuais santuários da religião cristã denota uma continuidade dos lugares sagrados e permite supor que na sua época se tivesse também atribuído às antas um significado religioso.

De adorno pessoal serviam as pequenas contas de colar, na maioria de pedra da própria região — o xisto, a serpentina, o basalto, o alabastro, ou então de dente canino. A escassez de pedras preciosas, como o calaíte, denota, pelo confronto com as culturas costeiras, certo isolamento da cultura megalítica do interior.

Os dólmenes que melhor patenteiam a relação com as camadas culturais mais antigas são as pequenas galerias. Além da indústria primitiva do sílex, contêm machados de pedra polida de

tamanho diminuto, e pouca cerâmica. Este aspecto cultural tem certas afinidades com o da primeira fase da cultura de Almeria, sendo porém esta mais afim da das grutas naturais portuguesas, cultura posterior, pelo facto de surgirem em ambas os braceletes cortados duma concha grande.

Bom seria que este estudo tivesse a necessária continuidade e que todas as áreas megalíticas de Portugal fossem estudadas em profundidade, uma vez que o problema das construções megalíticas *que com muita brevidade referimos* é um dos que mais apaixonam os pré-historiadores. Como e quando chegou à península a ideia megalítica? Teria ela nascido no nosso território? São por enquanto perguntas que, apesar das múltiplas investigações não podem obter uma resposta satisfatória.

Uma das dificuldades com que esbarramos é saber qual seja o foco inicial e quais as emigrações ou imigrações dos ideais megalíticos. A distribuição destas construções funerárias é muito desigual na Eurásia. Encontramo-los desde o Extremo Ocidente ao Extremo Oriente, mais ou menos situados nas faixas costeiras, como se a sua difusão fosse marítima. Assim, tornou-se possível, às escolas etnológicas difusionistas, pensar na existência de um primitivo e único centro — o Egipto, a Índia — do qual se difundiriam para todo o orbe.

Pensam uns que o tal foco originário seria o Egipto, o que pode ser defensável se tomarmos em consideração o esplendor cultural irradiado das margens do Nilo, por volta dos princípios do terceiro milénio antes de Jesus Cristo, quando começa a História do Egipto, e por nele encontrarmos verdadeiras obras megalíticas.

Possivelmente, não foi o dólmen rude e tosco, o derivado das construções mais complicadas, como a mastaba, segundo sustentam os partidários da degeneração tipológica. Contrariamente, os grandes monumentos Egípcios, derivaram de construções mega-

líticas simples, das quais existem protótipos no Norte de África e alguns raros exemplares no próprio Egipto. Neste caso, e como em tantos outros, nada mais se passaria senão uma evolução dos princípios herdados dos seus avoengos: os Camitas do norte de África. A presença de numerosos dólmenes típicos noutras regiões mais afastadas — Abissínia e Índia — fazem suspeitar àqueles que são partidários do foco único, na existência de tal foco comum no Egipto.

O facto de em Portugal — Beira e Alto Alentejo — aparecerem todos os tipos evolutivos da arquitectura dolménica: desde a câmara simples (poderemos supô-la como a petrificação da cabana do paleolita-recente?) até aos tipos mais complicados, faz pensar na origem ocidental desta cultura.

As relações marítimas directas, ou de tribo, durante o neolítico e a existência nas regiões orientais de construções dolménicas singelas e do emprego da técnica megalítica, em época remota, na construção de monumentos consideráveis dá valor à opinião que contesta ser ocidental a origem da técnica megalítica.

Constata-se ser bem limitada a distribuição dos grandes sepulcros megalíticos, em especial dos de falsa cúpula. Tais tipos serão produtos duma evolução local dos seus protótipos singelos?...

Em favor desda tese avultam alguns arqueólogos, o facto, de, na actualidade, encontramos ainda habitual o emprego da falsa cúpula na cabana do pastor. No entanto, a moderna etnologia, com o predomínio do conceito difusor sobre o da criação independente, parece inclinar-se para buscar a origem do elemento cupuliforme no oriente mediterrânico, onde se usou em épocas bem remotas: minóico primitivo de Greta, no norte da Mesopotâmia.

Vimos já que as antas são anteriores aos *tholoi* e que em grande área do país, os seus espólios são distintos.

Para outros arqueólogos o estudo da evolução cultural dos países nórdicos, tal como a conhecemos na actualidade, supõe que os sepulcros e os outros grandes monumentos megalíticos, foram os inicialmente construídos, anteriormente à expansão do vaso campaniforme. Para estes investigadores a maior pobreza dos espólios encontrados nos dólmenes mais simples é resultante dum maior afastamento dos focos metalúrgicos e a afirmação de que a arquitectura dolménica poderia ser originária de Portugal é qualificada como fantasiosa. O que também deve ser fantasia.

Há pouco aparece uma nova contribuição importante para o problema com a divisão dos megálitos em duas grandes famílias <sup>(1)</sup> a dos sepulcros de corredor e a das galerias cobertas e das várias evoluções dolménicas que estas famílias suscitaram.

Estando em voga as teorias difusoras da cultura estas parecem confirmar a tese de Gordon Childe <sup>(2)</sup> no entanto só com um estudo consciencioso, metódico e objectivo das orcas Beiroas e das Trasmontanas, procurando, não quantidade de objectos para os museus, mas elementos cronológicos e a sucessão dos diversos enterramentos, é que podemos colher alguns elementos para um mais verdadeiro esclarecimento desta importantíssima questão da nossa etnologia.

Outros problemas surgem relacionados com as orcas e outros tipos de enterramento, tais como as covas artificiais ou os sepulcros não megalíticos; as fossas recobertas de lajes delgadas, que muito poderiam ter servido de protótipo às construções dolménicas <sup>(3)</sup>. Não podemos hoje admitir a evolução ininterrupta de todos

---

(1) Daniel — *The Dual character of the megalithic colonization of Europe*, *Proceedings of Prehistoric Society*, vi, 149, 1941.

(2) *L'Aube*, etc., pág. 237 ss.

(3) Luiz Pericot — *História de España*, vol. I, pág. 183.

os tipos arquitectónicos, desde «os dólmenes neolíticos» até as cisdas megalíticas, incluindo nesta evolução as sepulturas de cúpula (1).

A teoria de uma dependência absoluta da cultura megalítica do oriente é defendida por Santa Olalla, que considera as sepulturas de cúpula do sudeste de Espanha como o foco mais antigo e a origem de toda a evolução megalítica. Daniel, distingue duas linhas evolutivas: uma abrangendo as sepulturas do corredor e ligada à *tholos*, outra formada pelas sepulturas de galeria (2).

O quadro cultural, nos seus aspectos básicos confirma a impossibilidade de estabelecer uma unidade entre os povos construtores das *tholoi* e os das antas. O povo megalítico das regiões mais elevadas e distanciadas do litoral, manteve sempre um *habitat* igual ao típico dos primeiros povos neolíticos da Península, provávelmente em consequência duma actividade pastoril primitiva.

---

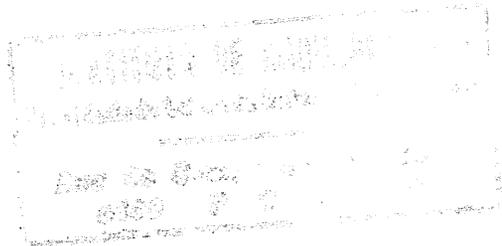
(1) Georg e Vera Leisner — *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*, Instituto para a Alta Cultura, Lisboa, 1952.

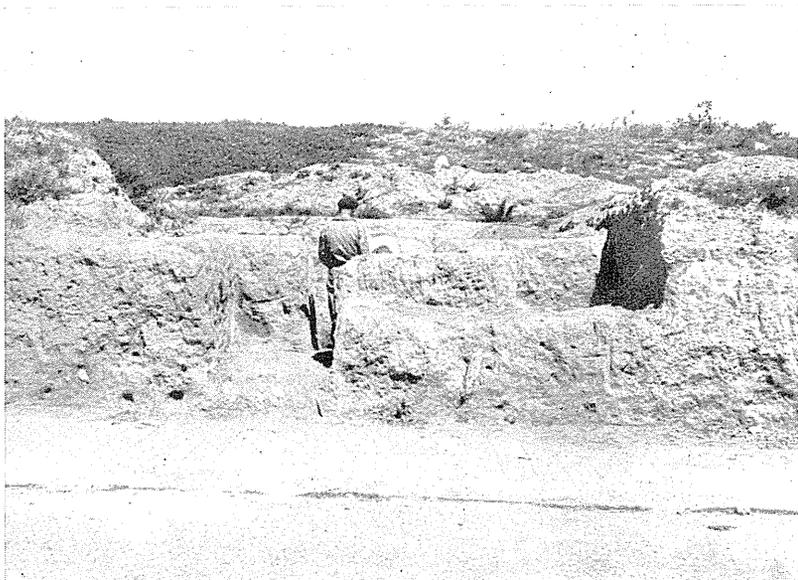
(2) Daniel — *The dual*, etc., 1941.



Aspecto das escavações do Concheiro da Amoreira, Muge, no momento da recolha do vaso hemisférico

(Foto do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto).





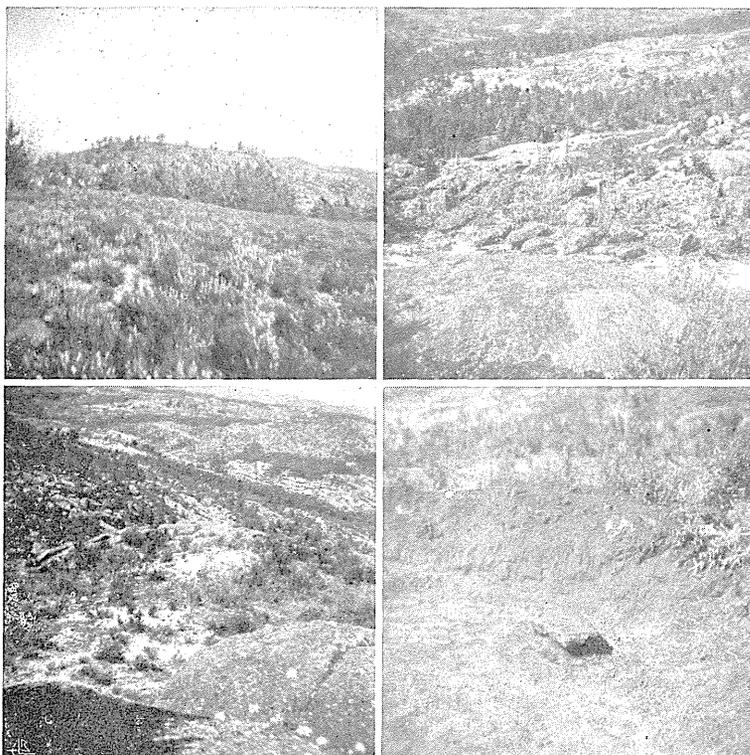
Escavação duma cabana do Povoado das Areias Altas, Porto

(Seg. Russell Cortez).



Descobrimto da lareira de cabana anterior, do Povoado das Areias Altas

(Seg. Russell Cortez).



Aspectos do povoado do neolítico final do Corgo da Maga, Castro de Aire;  
no fundo, à direita, está uma lareira a descoberto

(Seg. Russell Cortez).



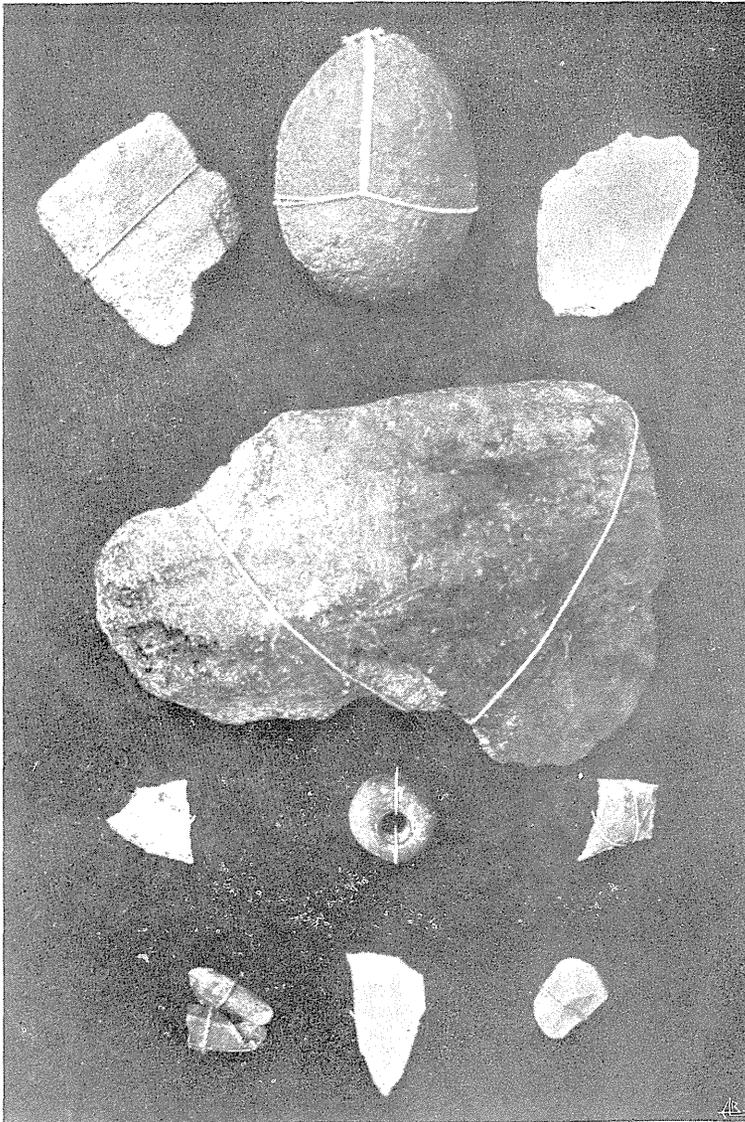
Anta do plano do Ladário. Sobranceiro à Seixa, Lafões

(Seg. Russell Cortez).



Castro da Seixa. Note-se o aparelho da muralha de pedra seca

(Seg. Russell Cortez).



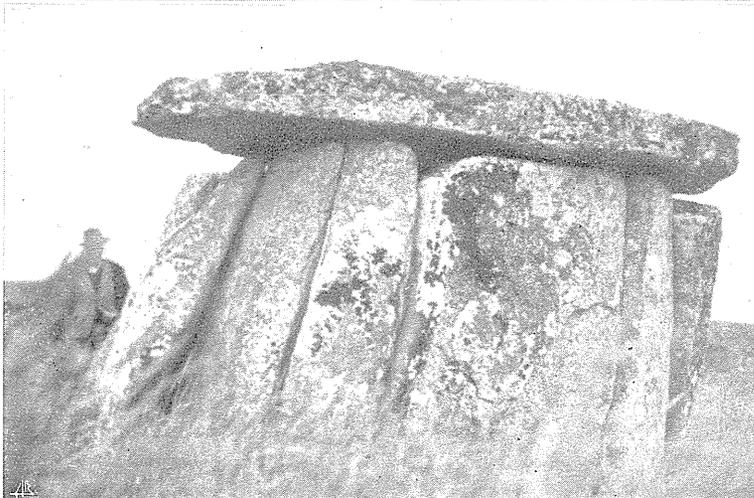
Espólio do dólmen do Telhal, Meda

(Seg. Luís de Pina).



Orca da Matança, Fornos de Algodres

(Seg. Russell Cortez).



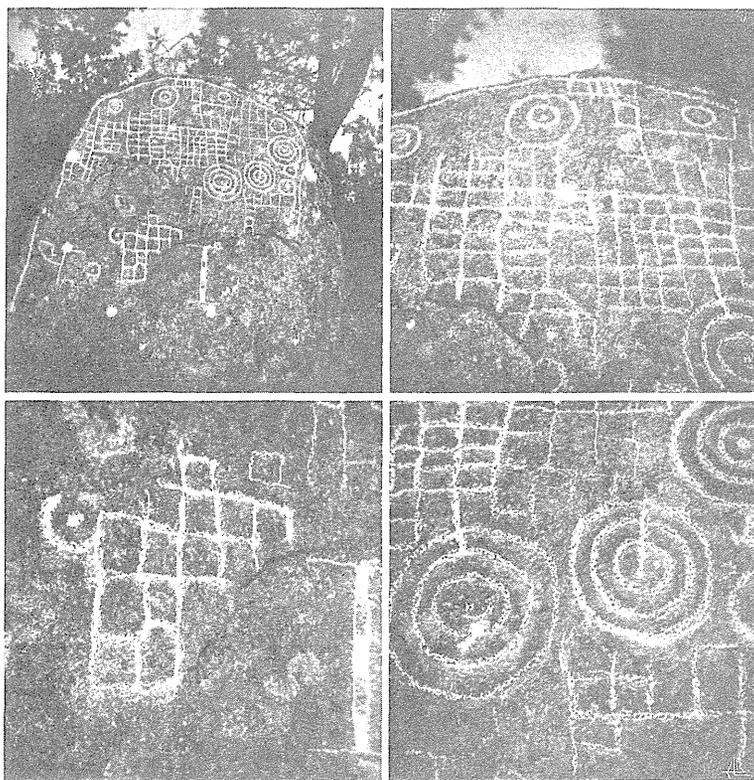
Orca de Pendilhe, Vila Nova do Paiva

(Seg. Russell Cortez).



Orca de Cortiçô, Fornos de Algodres

(Seg. Russell Cortez),



A Pedra da Escrita, Serrazes, S. Pedro do Sul. A marca desenhada representa 50 cms.

(Seg. Russell Cortez).